



Literatura e escrita feminina na cidade do Rio Grande: três estudos sobre as Irmãs Melo

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
LUCIANA COUTINHO GEPIAK**

93



Literatura e escrita feminina na cidade do Rio Grande: três estudos sobre as Irmãs Melo





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves
Luciana Coutinho Gepiak

Literatura e escrita feminina na cidade do Rio Grande: três estudos sobre as Irmãs Melo



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Literatura e escrita feminina na cidade do Rio Grande:
três estudos sobre as Irmãs Melo
- Autores: Francisco das Neves Alves e Luciana Coutinho
Gepiak
- Coleção Rio-Grandense, 93
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade
Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-040-1

CAPA: Retrato das Irmãs Melo publicado em: STORNI,
Alfredo. *Álbum ilustrado: caras e caricaturas.* Rio Grande:
Tipografia e Litografia Strauch, 1904.

SUMÁRIO

Registros imagéticos como fragmentos para uma biografia das Irmãs Melo / 11

Francisco das Neves Alves

A leitura como estratégia na luta pela emancipação feminina: um estudo de caso da dramaturgia riograndina ao final do século XIX / 49

Luciana Coutinho Gepiak

A inserção social da mulher por meio da educação a partir da imprensa literária e feminina riograndina / 87

Francisco das Neves Alves

Luciana Coutinho Gepiak

Registros imagéticos como fragmentos para uma biografia das Irmãs Melo

Francisco das Neves Alves*

As irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro tiveram uma atuação significativa para a literatura e a escrita feminina no Rio Grande do Sul, a ponto de colocá-las como verdadeiras expoentes da intelectualidade sul-rio-grandense. Tal status intelectual foi amplamente reconhecido por seus coetâneos e permaneceu sendo enfatizado em tempos mais hodiernos. Nesse sentido, através de múltiplos enfoques, poderiam ser realizadas biografias a respeito de ambas, envolvendo tanto o conjunto de suas ações intelectuais, quanto no que tange a segmentos compartimentados.

* Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Dessa maneira, poderiam ser observadas suas carreiras literárias, múltiplas como era típico da intelectualidade de então, envolvendo a poesia, a crônica, o conto e a dramaturgia. Outro ponto de estudo seria a sua ação social, seja no que se refere às campanhas abolicionistas, ou ainda quanto ao conjunto de movimentos em prol dos desvalidos, mormente as mulheres pobres e seus filhos. Há também a possibilidade da abordagem de suas atuações políticas, no combate ao regime ditatorial que dominou o Rio Grande do Sul durante praticamente toda a República Velha. Outro papel fundamental por elas desempenhado foi como editoras de periódicos, como o caso da *Violeta*, uma das folhas precursoras em termos de escrita feminina em terras sulinas e do *Corimbo*, um das mais longevas publicações literárias voltadas ao público feminino no contexto brasileiro. Elas também tiveram um desempenho notório na propagação do ideário em torno da emancipação feminina, pregando um novo lugar social para a mulher por meio da educação. Menos conhecida foi a ação delas como docentes, formando várias gerações de alunos por meio de aulas particulares.

Assim, a execução de pesquisas em torno da vida das Irmãs Melo poderia ser realizada a partir de uma “biografia intelectual”, uma vez que “o espectro do gênero biográfico não abarca unicamente os homens de ação, mas cada vez mais os escritores, os filósofos e todos os homens de letras”, para utilizar o termo reducionista quanto ao gênero, nas referências à intelectualidade da virada do século XIX ao XX, já que tais elementos, de ambos os sexos, “se tornam objetos de curiosidade e de exercício biográfico”. Nesse tipo de análise, “obra e autor aparecem numa irreduzibilidade

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

que é como um domínio próprio” que traz “ao biógrafo ‘uma longa melodia ininterrupta que é ao mesmo tempo vida e obra, destino e expressão’¹.

Nesse tipo de investigação, pode-se buscar “qualquer fragmento biográfico”² e, dentre eles, os registros de natureza imagética, à medida que a imagem tem condições de adquirir “a dimensão de instrumento de conhecimento”. Em tais condições o conteúdo imagético tende a fornecer “informações acerca dos objetos, lugares ou pessoas através de formas visuais tão diferentes como as ilustrações, as fotografias, os desenhos ou ainda painéis”. As imagens também constituem “um instrumento de conhecimento” no momento em que “serve para ver o próprio mundo e interpretá-lo”³.

No caso da intelectualidade, os teores imagéticos são em grande parte traduzidos por meio dos retratos, os quais não vêm a constituir “representações precisas, instantâneos ou imagens de espelho de um determinado modelo, como ele ou ela realmente eram num momento específico”. Dessa maneira, “o retrato é composto de acordo com um sistema de convenções que muda lentamente com o tempo”, já que “as posturas e gestos dos modelos e os acessórios e objetos representados à sua volta” tendem a seguir “um padrão e estão frequentemente carregados de sentido simbólico”. Além

¹ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida.* 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 361 e 369.

² DOSSE, 2015. p. 362.

³ JOLY, Martini. *Introdução à análise da imagem.* Lisboa: Edições 70, 1999. p. 61.

disso, “as convenções do gênero possuem um propósito”, ou seja, “apresentar os modelos de uma forma especial, usualmente favorável”⁴. A partir de tais premissas, pode ser lançado um breve olhar sobre alguns dos registros imagéticos realizados acerca das Irmãs Melo.

Dentre as formas pela qual foram estampados retratos das Irmãs Melo, uma das principais foi através da imprensa ilustrada e humorística. Era praxe de tal gênero jornalístico prestar homenagens por meio de sua “página de honra” a personalidades do mundo político-ideológico, socioeconômico, religioso e cultural da época. De acordo com tal perspectiva, a intelectualidade foi também aquinhoadas com tais preitos de primeira página. Foi o caso de Julieta e Revocata, as quais, além de ser homenageadas, por diversas vezes colaboraram com seus textos para a edição desse tipo de publicação, revelando certo desprendimento e ausência de preconceito de parte das escritoras, tendo em vista que tais folhas satírico-humorísticas voltadas à expressão da arte caricatural por diversas vezes foram tratadas preconceituosamente, como se fossem um segmento menor e pouco confiável do jornalismo.

Nesse caso, Julieta Monteiro foi homenageada pela publicação caricata pelotense *Cabrión* (1879-1881), que estampou o seu retrato, centrado unicamente na personagem, sem a preocupação de criar um ambiente no entorno. A respeito de Julieta, o periódico dizia que “com orgulho e subida honra apresentamos hoje aos nossos leitores o busto respeitável da poetisa rio-

⁴ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso da imagem como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 41-43.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

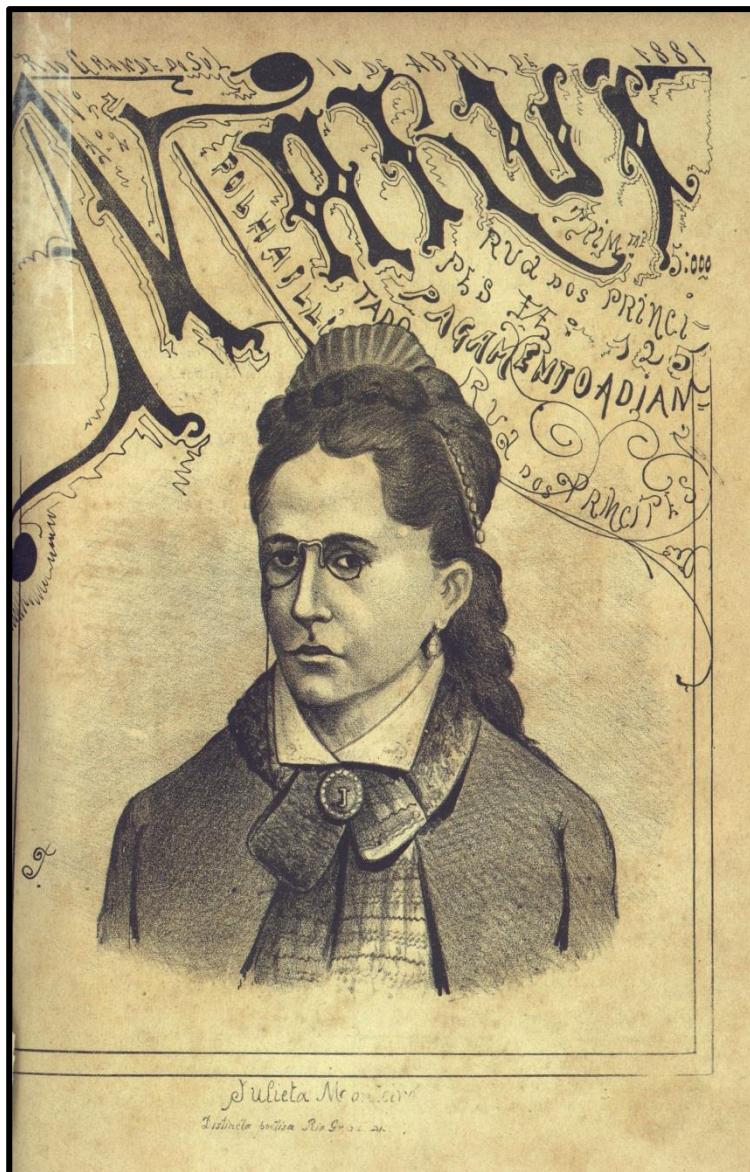
grandense". Tratava-se assim de "uma exuberante prova de veneração ao seu talento e finíssimas qualidades", de modo a "fazer jus ao seu incomparável estro". Trazendo alguns traços biográficos da escritora, a folha concluía que "a sonora cantora" vivia "cultivando os mais belos frutos da sua inexcedível fecundidade"⁵. Julieta de Melo Monteiro foi também retratada pelo semanário ilustrado-humorístico rio-grandino *Maruí* (1880-1882), que apresentou uma efígie da escritora bastante parecida com a publicada anteriormente na folha pelotense. O periódico rio-grandino não chegou a publicar um texto sobre a intelectual, restringindo-se a dedicar-lhe sua "página de honra", identificando-a pelo nome e como "distinta poetisa rio-grandense"⁶.

⁵ CABRION. Pelotas, 25 jan. 1880, a. 1, n. 51, p. 1-2.

⁶ MARUÍ. Rio Grande, 10 abr. 1881, a. 2, n. 4, p. 1.



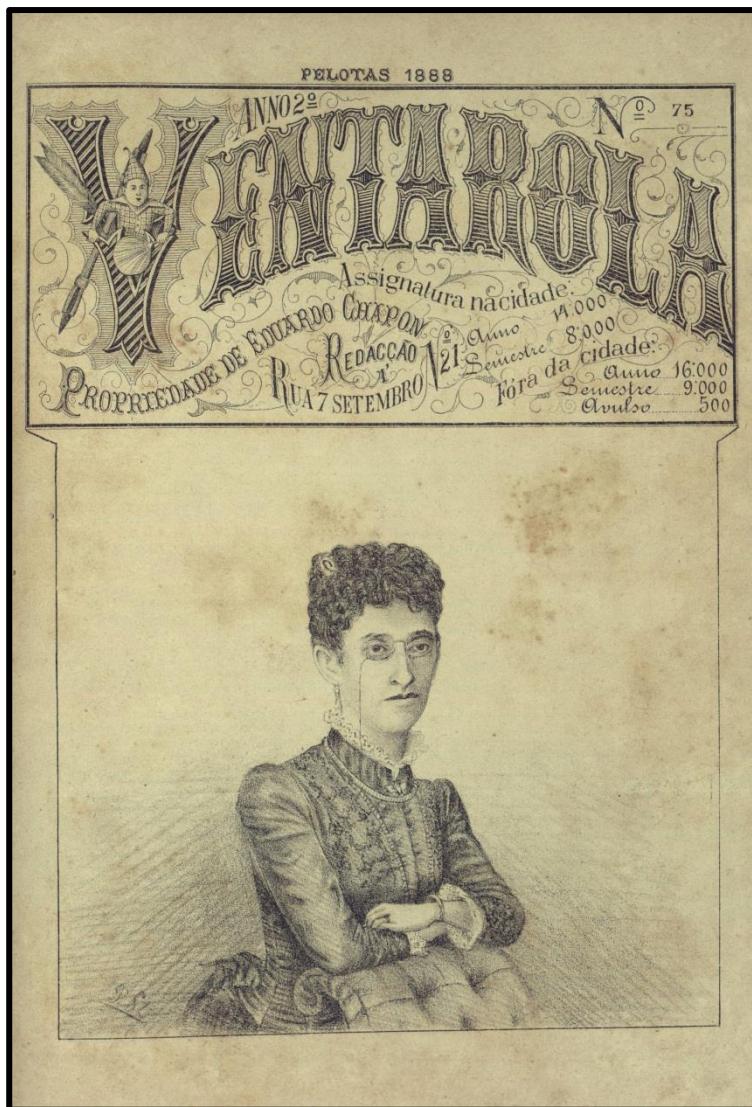
LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



Igualmente Revocata de Melo foi alvo de homenagem de uma folha caricata gaúcha, no caso a pelotense *A Ventarola* (1887-1890), que trouxe o seu retrato, com a personagem amparada em sua cadeira de trabalho, em alusão à sua carreira como escritora e professora. Revocata era descrita como “bem conhecida na província, por suas virtudes e talentos” e também como “inspirada poetisa”. Ainda a respeito da escritora a publicação afirmava que se tratava de uma “cultora das letras”, que acentuara “a sua individualidade literária, de forma a merecer os mais justos encômios das pessoas versadas no torneio das letras”. Era enfatizada a sua obra poética e seu papel à frente do *Corimbo*, no qual estaria trazendo “toda a pureza de sua alma nobre, demonstrando o quanto pode a perseverança unida ao talento e ao critério”. Para arrematar, a folha pelotense explicitava que, ao dar o seu retrato, felicitava a escritora “pelos seus triunfos na carreira das letras, desejando que as maiores felicidades coroem a sua dedicação e as suas inapreciáveis virtudes”⁷.

⁷ A VENTAROLA. Pelotas, 2 set. 1888, a. 2, n. 75, p. 1-2.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



O reconhecimento das Irmãs Melo chegou ao âmbito internacional, como foi o caso da matéria publicada em primeira página da publicação literária lisbonense *A Madrugada* (1894-1896). Tal periódico editado na capital portuguesa tinha por um de seus escopos a aproximação literária luso-brasileira, divulgando mutuamente as obras de escritores dos dois lados do oceano. Nesse caso, foram divulgados os retratos das intelectuais, ao lado de alegoria que traduzia em si a inspiração literária, sendo também associada aos princípios florais, que tanto marcavam a imprensa feminina de então, como foi o caso dos periódicos editados por Julieta e Revocata, ou seja, *Violeta* e *Corimbo*. A publicação lisboeta destacava sobre elas que “a nossa modesta folha, que tem prestado devida homenagem aos mais notáveis vultos nas letras, procede agora com toda a justiça para com duas distintas literatas brasileiras”. A respeito de Revocata, “cujo retrato em miniatura fulge na primeira página da *Madrugada*”, era descrita como “uma senhora distintíssima, que muito tem trabalhado para a elevação do nível intelectual da mulher no Brasil”. Destacava ainda que, “desde muito jovem principiou a cultivar as musas com brilhantismo”, passando a descrever sua composição literária. Havia ênfase para o *Corimbo*, considerado como “interessante revista, em cujas colunas”, a jornalista rio-grandina conseguira “firmar a reputação de que hoje goza”. Recorrendo a uma citação a folha literária de Lisboa dizia que, “espírito superior, Revocata de Melo soube quebrar as prisões estreitas com que procuramos abafar as aspirações feminis”, fazendo “voar o seu nome dos pampas do Rio Grande às florestas do Amazonas”. Já sobre Julieta Monteiro o periódico luso destacava que,

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

“como sua irmã é uma distinta poetisa e digna da mesma simpatia”. Também no que tange à Julieta, foram citados os livros publicados e aqueles que estavam no prelo, qualificados como “belo volume de poesias” e “notável obra poética”, além do destaque para as suas colaborações jornalísticas. Ao final, a publicação periódica portuguesa, afirmava que Julieta Monteiro “tem a vantagem de reunir aos seus belos dotes uma inteligência superior”, de maneira que, “à distinta riograndense” eram enviadas “as nossas mais vivas felicitações”⁸.

⁸ A MADRUGADA. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 1.

A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE III LISBOA - MARÇO DE 1886 ANNO III

ASSINATURA - BRASIL 5000 PUBLIQUA SEMANAL. TAPAS 2.500 exemplares.

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRITORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 - Correio Geral - LISBOA

ASSINATURA - ILHAS E ULTRAMAR 1000

Ano..... Portugal, 1000

O enjôo deve ser grande e para seu próprio des-
cacho o sr. Decio, feita uma pulida de todo o seu
artigo, melhor saberá de que nos dizer-nos quem a
deve engolir.

A Democracia.

REVOCATA DE MELLO

A nossa modesta folha, que tem prestado devida
homenagem aos mais notáveis valores nas letras, pro-
cede agora com toda a justiça por com dura distinção
litteratas brasileiros.

Revocata de Mello, cujo redator é um homem de
grande cultura, que sempre se mostrou um amante das
literaturas, que nunca tem trabalhado para a elevação
do nível intelectual da cultura no Brasil, desde mui-
joventude principiou a cultivar os mesmos com levíssima.
Os seus primeiros versos foram publicados em 1874
na revista "A Lira", e a sua mais recente obra de natureza literaria
é "Diário de Peleias", folha hoje extinta.

Nascido em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, desconde a nossa illustre poética de uma grande al-
meida no mundo literario. Sua mãe, já falecida, foi
tambem uma distinta poetisa.

Hoje publicou um livro em prosa intitulado
Fadas Encantadas preludado pelo escritor Mário Tel-
éz e durante 12 anos religia *O Coryba*, interessante
revista que teve uma colunista consagrada tratar a
respeito de que hoje gravemente.

Tom colaborado em muitos jornais brasileiros as-
sim como na *Patria Ilustrada* que em tempo se
publicou em Buenos Ayres e de colaboração com a sua
discípula, a menina D. Juana Montenegro escreveu o *Brasileiro*.

Júlio Libero, o zeloso filólogo paulista e author
do *Carmo*, escreveram no *Correio de Santos* a 23 de ja-
neiro de 1886, um artigo especial a sua dedicado:

"Expliquei sempre, e sempre direi, que o maior filó-
sofer é o gênio, autor das suas opiniões, e que o maior filó-
sofer as aspirações femininas, e fiz ver o seu nome dos
pampas do Rio Grande às florestas do Amazonas."

JULIETA DE MELLO

Como sua irmã é uma distinta poetisa e digna de
mesma simpatia.

Publicou um belo volume de poesias intitulado
Florações que mereceu a honra de ser encadernado
por Augusto E. Zilhar, e as *Oscilações*, outra notável
obra poética com uma belissima carta de apresentação
firmada pelo sympathico poeta Luiz Guimaraes.

Ao lado de D. Juana Montenegro o *Coryba* é tem-
entado a mais interessante revista literaria da sua pa-
tria e principalmente do seu estado natal.

A serem dados à sua difusão devem prompta-
mente ser publicados em prosa *Almea e Coryba* e também um novo
volume de versos sob o título *Talvezinha*.

D. Juana Montenegro aconselha a lerem os
seus bellos dotes uma intelligencia superior.

A distinta ria-grandense envolvemos as nossas mais
vivas felicitações.

Revocata de Mello

Julieta de Mello

Na mesma forma é verdade que se tem alcançado
voga os poemas-memorabilidades felizes, que lheímos
e viverímos. No Rio de Janeiro e em outras cidades
do Brasil existem muitos que vivem intensamente afas-
tados nos esticos mas recônditos da pair, quase comple-
tamente esquecidos e ignorados. Eelles só nos confe-
ditão alguma jornal de pressa. Se entretanto os mes-
mos d'elles houverem a pronta intuição, sustentando
algum dia que os quais formam parte da nossa mo-
desto estante, que d'ora avante pones à disposição
do preicipitado seu, Decio, a quem podemos votar para
um conselho:

Leiam-se em *Correio* e *O Livro de uma sogra* de
Almeida de Andrade, *As Ordens de Luis Mintz* e os col-
legios de Olavo Bilac, Theophilo Dias, Raymundo
Correa e muitos outros; em *Memorias Postumas* de
Machado de Assis; as magnificas versos de *Florações*
de D. Juana Montenegro, *Almea* de Almeida
e *Oscilações* de D. Juana Montenegro, não menos distictas;
e digo-as depois de sê-lo devo realmente entregar-las
de fer arrendado - que o melhor livro brasileiro não
vale o peior dos portugueses.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



- detalhe -



- detalhe -

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



- detalhe -

No início do século XX foi publicado na cidade do Rio Grande o *Álbum Ilustrado: caras e caricaturas*, editado pela Tipografia e Litografia Strauch, no ano de 1904, contando com a organização e os desenhos do caricaturista gaúcho Alfredo Storni. A proposta da edição era a de “representar de uma maneira simples e clara os diversos tipos e costumes que formam a sociedade rio-grandense”, por vezes “encarando pelo lado sério” e, em outras, “através da crítica inofensiva”. A primeira seção do *Álbum* foi dedicada aos “Poetas e literatos”, contando com os retratos de membros da intelectualidade de então, caso de Mário de Artagão, Ferreira de Campos e Alcides Miller, além de serem citados os nomes de Alfredo Ferreira Rodrigues, Paula Pires, Antônio Salles, Ticho Brahe e Érico dos Santos. As irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro ocupavam posição central na página que homenageava o corpo intelectual citadino, sendo as mesmas reconhecidas como “glórias rio-grandenses”. Ambas encontravam-se lado a lado, inseridas em um círculo sem que houvesse qualquer detalhe ambiental no retrato⁹.

⁹ STORNI, Alfredo. *Álbum ilustrado: caras e caricaturas*. Rio Grande: Tipografia e Litografia Strauch, 1904. p. 2.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



A presença de retratos das Irmãs Melo ocorreu também no *Almanaque Brasileiro Garnier* (1903-1914). Os almaniques constituíam uma edição anual, que serviam para reunir e oferecer “um saber para todos”, envolvendo temas como o “astronômico, religioso e social, científico e técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico”¹⁰. Nessa linha, o *Almanaque Garnier* trazia

¹⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. p. 480.

“informações as mais diversas, com predominância de assuntos literários, econômicos, geográficos e históricos”. Não se limitava a temas “relativos ao Brasil”, pois abordava “também, principalmente na área econômica, dados de diversos países, notadamente os que mantêm importantes laços com o Brasil”¹¹. Essa publicação costumava trazer registros iconográficos de intelectuais brasileiros, como literatos, poetas, jornalistas e artistas. Na edição para o ano de 1905, dentre as “Escritoras e Poetisas Brasileiras”, eram estampadas as efígies de Revocata e Julieta¹².

¹¹ RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: *Índices: Almanaque Garnier (1903-1914)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. p. 9.

¹² ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER PARA O ANO DE 1905. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. p. 309-310.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

ALMANAQUE BRASILEIRO

309



Rocha Pombo.



Escragnolle Doria.



J. Medeiros e Albuquerque.



Estevão de Mendonça.

ESRIPTORAS E POETIZAS BRASILEIRAS



Revocata de Mello.



Andradina de Oliveira.



Ignez Sabino.

310

ALMANAQUE BRASILEIRO



Francisca Isidora.



Ibrantina Cardona.



Julietta Monteiro.

MUSICOS BRASILEIROS



Assiz Pacheco.



Abdon Milanez.



João Gómez Araújo.



Carlos de Mesquita.



Henrique Oswald.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



Revocata de Mello.

- detalhe -



Julietta Monteiro.

- detalhe -

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Em 1913, o escritor Laudelino Freire lançou o livro *Sonetos brasileiros* (século XVII-XX), uma coletânea de cinco centenas de sonetistas brasileiros, dentre os quais vinte e seis mulheres. De cada um dos poetas eram apresentados breves verbetes, com informações sobre os escritores, sendo também citado um soneto de respectiva autoria. Assim, tal obra pretendia reunir “a melhor produção do gênero, seguida do respectivo retrato e de ligeiras notas biográficas”, vindo a constituir “o repositório de todos os frutos peregrinos do talento e da imaginação dos vates brasileiros”, assim como uma “obra capaz de palear o brilho e a excelência, o vigor e a exuberância da poesia nacional”. Dentre as representantes da intelectualidade feminina figuraram os retratos de Revocata de Melo e Julieta Monteiro¹³.

¹³ FREIRE, Laudelino. *Sonetos brasileiros* (século XVII-XX). Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1913. p. 2, 5, 138 e 145.



REVOCATA Heloisa DE MELLO

*Nascida na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
Tem innumerias poesias avulsas.*

A UMA CARTA

Bom tempo ! se a saudade, em dôr intensa,
Abria com a lamina afiada
Uma ferida gottejante, immensa,
Na minh'alma febril, dilacerada !

Eu te relia, oh carta idolatrada,
Palavra por palavra ; em doce crença,
Soavas ao coração, pura, afinada,
Qual voz de um harpa, seductora, extensa.

Hoje, porém, as letras desmaiadas,
De tanta vez que aconcheguei-te ao peito,
Que apertei-te entre as mãos frias, geladas.

E's a mumia de um sonho já desfeito,
Pois a ausencia matou flores rosadas,
Meu coração á dôr hoje é affeito !

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



REVOCATA Heloisa DE MELLO

- detalhe -



JULIETA DE MELLO Monteiro

Irmã da poetisa Revocata de Mello. Natural do Rio Grande do Sul.

BIBLIOG. — *Preludios*, 1881; *Ostentantes, sonetos*, 1892.

MADRUGADA DE ESTIO

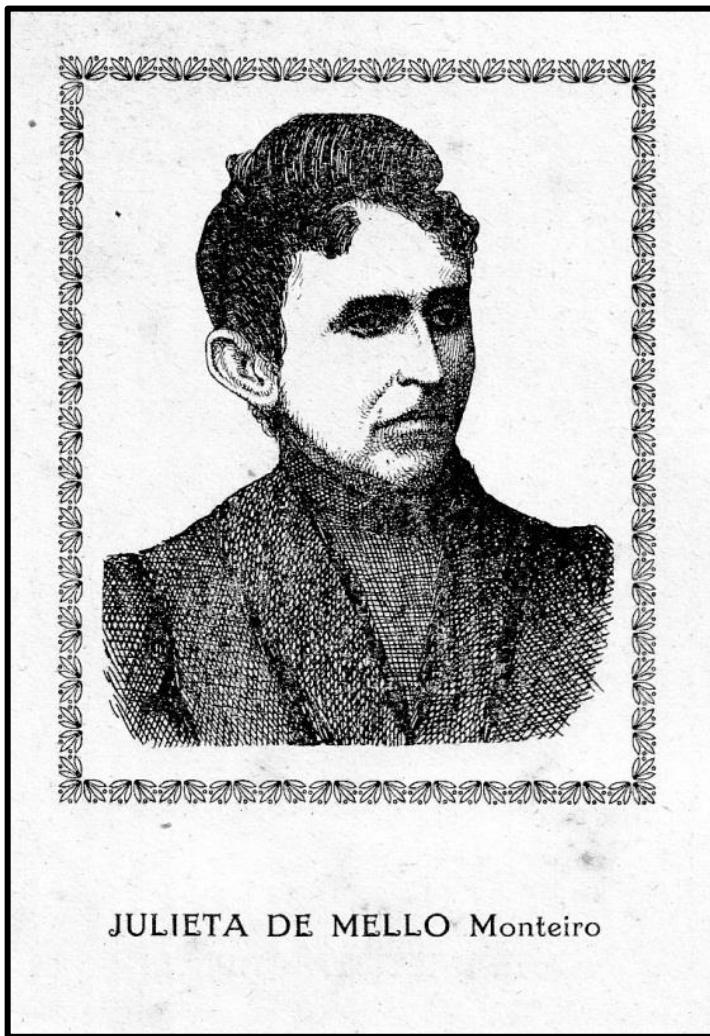
A natureza acorda. A noite foi pequena,
Mal poude repousar, sente-se ainda lassa,
Distende os braços níis e docemente abraça
A terra, o mar e o céo ; depois, meiga, serena,

Vai os ninhos saudar, detendo-se com pena
Onde o casal voou e a sombra da desgraça
Lança o seu torvo olhar ; sorri e alegre passa
Em quanto a sós pipila tuma ave que ainda empenna.

Essencias do oriente espalha pelas flôres,
Ajuda a desdobrar os mantos multicores
Nas campinas sem fim, formosas, verdejantes.

Segreda ao matagal uma canção dolente,
E manda um longo beijo ao sol que de repente
Rompe as gazes do céo com ares petulantes.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



JULIETA DE MELLO Monteiro

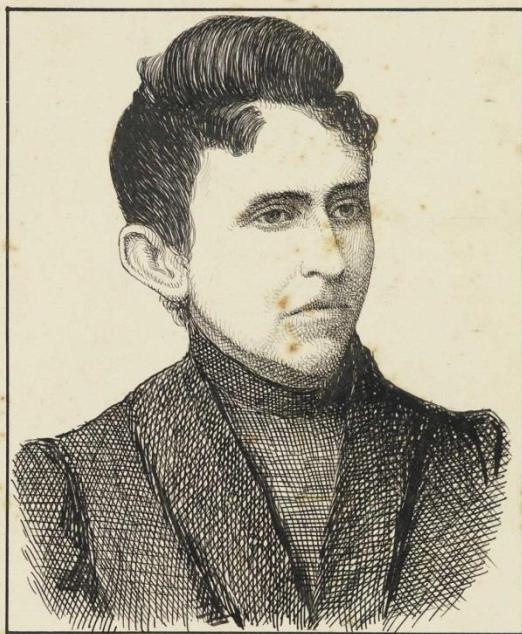
- detalhe -

Os retratos publicados pelo *Almanaque Brasileiro Garnier* e no livro *Sonetos brasileiros* (século XVII-XX) de Laudelino Freire passaram a figurar no acervo digital disponibilizado na Biblioteca Digital Luso-Brasileira, a qual contém e coloca à disposição pública os acervos digitais de instituições biblioteconômicas de Brasil e Portugal, como a Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro e a Biblioteca Nacional de Portugal, de Lisboa.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



Revocata de Melo



Julietta de Mello

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

A Biblioteca Rio-Grandense localizada na cidade do Rio Grande, fundada em 1846 e em atividade até a contemporaneidade, constitui a instituição de seu gênero mais antiga no contexto sul-rio-grandense. Tal entidade cultural possui em seu acervo quadros e fotografias, dentre os quais registros iconográficos referentes às Irmãs Melo. Um deles trata-se de um quadro retratando Revocata Heloísa de Melo, cuja origem é o Clube Gaspar Martins, agremiação que reunia os federalistas riograndinos, a qual combatia o regime ditatorial que controlava o Rio Grande do Sul de forma praticamente ininterrupta desde a década de 1890 até a de 1920. Revocata teve um papel importante em tal Clube, chegando a ser elencada no rol de efígies de seus membros, resultando no quadro herdado pela Biblioteca e até hoje presente em seu acervo. Julieta Monteiro e Revocata Melo aparecem também na coleção de fotografias da Biblioteca Rio-Grandense, posando com os braços entrelaçados, designando o espírito fraternal entre ambas, além de haver um ambiente ornado com flores, em analogia aos periódicos por elas editados.



LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



À época do falecimento de cada uma das escritoras, elas foram enaltecidas, demarcando o reconhecimento intelectual que conquistaram. Nesse sentido, Julieta Monteiro, morta em 1928, foi destacada como uma “patrícia ilustre”, cujo passamento deixava “de luto as letras rio-grandenses”, restando de sua ação “as páginas de honra que ela nos legou”, como um “tributo de glória”¹⁴. Julieta era também enfatizada pela forma que se “destacava na sociedade pelo brilho do talento e pela bondade do coração”¹⁵. Ela era ainda descrita como “cultora apaixonada das letras, poetisa inspirada e escritora de mérito”, de modo que “gozava no seio da sociedade do mais elevado apreço, oriundo dos belíssimos atributos que lhe ornavam o espírito”¹⁶. Já Revocata de Melo faleceu em 1944, sendo citada como “insigne escritora”, “decana da imprensa citadina” e “escritora de envergadura, poetisa de largos remígios, dramaturga e jornalista, através das colunas brilhantes do *Corimbo*”. Era apontado ainda que a escritora “defendeu com elevação e inteligência fulgurante os ideais de democracia, o voto secreto, a emancipação da mulher, o abolicionismo e os ideais republicanos”¹⁷. A imprensa afirmava ainda que Revocata “representou um grande símbolo de mulher de letras brasileira”, ao lutar contra “os preconceitos da sociedade”, e, com “seu espírito arejado, abordou palpitantes problemas sociais, com coragem e espírito combativo admiráveis”¹⁸. A

¹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 jan. 1928, a. 74, n. 24, p. 2.

¹⁵ O TEMPO. Rio Grande, 28 jan. 1928, a. 22, n. 51, p. 2.

¹⁶ RIO GRANDE. Rio Grande, 28 jan. 1928, a. 15, n. 23, p. 2.

¹⁷ O TEMPO. Rio Grande, 25 fev. 1944, a. 38, n. 69, p. 1.

¹⁸ RIO GRANDE. Rio Grande, 24 fev. 1944, a. 31, n. 65, p. 1.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

escritora e jornalista foi identificada também como uma “cultura, inteligência, talento invulgar e grande coração”, que “foi uma das mais notáveis organizações intelectuais de nossa terra”, além de ter sido partidária da liberdade como “uma verdadeira divindade”, de maneira que, “em tempos recuados e de obscurantismo”, foi “a precursora das grandes conquistas democráticas”¹⁹. Revocata e Julieta foram enterradas no cemitério citadino ao lado dos entes queridos pelos quais tanto prantearam, estando no túmulo, ao lado do irmão Romeu, os retratos das duas intelectuais.



¹⁹ GAZETA DA TARDE. Rio Grande, 24 fev. 1944, a. 4, n. 30, p. 1.



- detalhe -

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



- detalhe -

Estes foram alguns dos registros imagéticos das Irmãs Melo, identificados até o momento, podendo ainda existir outros. A partir de seu conteúdo visual, eles podem contribuir para a organização e elaboração de uma biografia intelectual das autoras, a qual traz consigo interrogações sobre “a presença, a visibilidade, a legibilidade, a vitalidade, a culpabilidade e a possibilidade do biográfico”, com base em uma “vida e

uma obra” e “uma vida feita obra”. Nesse sentido, a biografia intelectual busca “compreender o outro e se permite principalmente avanços na ordem do conhecimento, na medida do grau de intensidade na implicação do biógrafo”²⁰. A relevância de tais fragmentos iconográficos vem ao encontro da perspectiva de “que comunicar pela imagem (mais do que pela linguagem) vai necessariamente estimular no espectador um tipo de *expectativa* específico” e mesmo “diverso daquele que uma mensagem verbal estimula”²¹. Ainda que os retratos não registrem “tanto a realidade social, mas ilusões sociais” e “não a vida comum, mas performances especiais”, eles vêm a fornecer “a evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação”²². Os poucos retratos encontrados das Irmãs Melo e abordados neste ensaio trazem uma simplicidade de conteúdo, quase sempre sem um ambiente retratando o entorno, além de mostrar as duas personagens em posturas posadas e ensaiadas, sempre com um ar severo e de profunda seriedade, sem qualquer esboço de sorriso, como as convenções da época traziam como expectativa para elas que trabalhavam como docentes e que tinham nas suas bandeiras de luta propostas que deveriam ser encaradas com respeito, ainda mais em um meio tão preconceituoso contra o qual elas tiveram de lutar arduamente.

²⁰ DOSSE, 2015. p. 373-374.

²¹ JOLY, 1999. p. 62.

²² BURKE, 2017. p. 44.

A leitura como estratégia na luta pela emancipação feminina: um estudo de caso da dramaturgia rio-grandina ao final do século XIX

Luciana Coutinho Gepiak*

A emancipação feminina constitui um processo histórico de lenta execução em termos da formação brasileira. As heranças das estruturas sociais da época colonial continuam a se manifestar ao longo do século XIX, com uma sociedade essencialmente patriarcal

* Luciana Coutinho Gepiak é doutora em Letras pela FURG (2022), mestre em Letras pela FURG (2017), Especialista em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura pela FURG (2014), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pela UFPEL (2003) e graduada em Letras – Português pela FURG (2000). É autora dos livros: *Do jovem poeta no Parthenon Literário ao místico Barão de Ergonte: dois estudos de caso sobre o escritor gaúcho Mício Teixeira; Líricas satíricas: o texto poético nas páginas da Comédia Social; Imprensa e escrita feminina: Revocata Heloísa de Melo e o periodismo sul-rio-grandense e Escrita feminina no Brasil Meridional: Revocata Heloísa de Melo - reconhecimento e produção bibliográfica.* Participou de três coautorias. É responsável pelo Setor de Literatura, vinculado à Secretaria de Município da Cultura, Esporte e Economia Criativa, da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

enraizada ainda na conjuntura brasileira. Em grande parte, permanece reservado às mulheres um papel social basicamente voltado ao âmbito doméstico, ficando elas enquadradas às tradicionais funções de mãe e esposa. Ação importante no combate contra tal estado de coisas é o desempenhado pelas escritoras que se aventuraram no mundo das letras, enfrentando todas as resistências e defendendo um novo lugar social para a mulher.

Na maior parte, tais escritoras pregam que um dos caminhos mais viáveis para a emancipação feminina seria por meio da educação. Elas viam na instrução uma chave para que as mulheres avançassem e questionassem a tradicional estrutura do patriarcado. Nem todas defendem uma transformação radical, mas levantam a bandeira de algum nível de mudança no *status quo*, reservando à mulher uma nova condição promovida a partir de uma formação escolar e cultural. Neste quadro, se o rumo educacional era a meta, o desenvolvimento, aprimoramento e difusão da leitura entre as mulheres passa a ser uma estratégia fundamental para que o plano geral fosse levado a efeito.

No caso do Rio Grande do Sul, várias representantes do sexo feminino têm relevância neste campo, envolvendo práticas diversificadas, especialmente as ligadas à literatura e ao jornalismo. Neste sentido, uma das vertentes se dá por meio da escritura voltada ao teatro, multiplicando a ação em termos de público atingido. Este é o caso de duas das mais importantes representantes da escrita feminina sul-rio-grandense, as irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, as quais dedicam suas existências à causa feminina, utilizando-se da imprensa e

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

dos livros para promover a ideia da relevância da educação feminina. As irmãs empreendem uma ardorosa batalha para promover a leitura entre as mulheres, como foi o caso da obra dramatúrgica *Coração de mãe*, objeto de estudo deste ensaio.

Não é sem dificuldade que se desenvolve a leitura feminina no contexto brasileiro do século XIX, pois os obstáculos eram de toda ordem. Os níveis de alfabetização em geral por si só já constituem um fator limitador da leitura em geral, mas, no caso das mulheres, torna-se ainda mais grave, tendo em vista todos os empecilhos criados a sua inserção nos meios escolares. As produções impressas são tardias no Brasil em virtude das proibições da era colonial, de modo que tanto a imprensa como o mercado livreiro nacional se desenvolvem com relativo atraso. O preconceito é outra barreira, considerando-se o receio de que a leitura pudesse agir como um fator de reflexão e consequente busca por transformações em relação ao papel social da mulher. No combate a tais entraves, a escrita feminina surge como um bastião na difusão da leitura e os efeitos que ela poderia promover junto ao mundo feminino.

A leitura aparece nesse sentido na condição de agente transformador, estimulando o pensamento acerca de mudança. Nessa linha, “como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor”, sendo “esta influência recíproca descrita como interação”. Nesse quadro de elaboração textual, “a linguagem é significativa quando, em vez de copiar o pensamento, se permite dissolver-se e recriar-se pelo pensamento” (ISER, 1979, p. 83 e 91).

A partir do ato de ler, o leitor passa a “estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras”,

conseguindo ele “existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente” entre elas, que podem permanecer “decifradas ou ditas pela metade”. Neste contexto, “os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade, retirando novas noções delas” e “permitindo comparações de memória com outros livros deixados abertos para consulta simultânea” (MANGUEL, 1997, p. 67-68).

Nesta perspectiva, “o sentido não precede o texto, não está nele depositado nem é uma proposição pronta, acabada”, pois é “através do ato da leitura, que se produzem os sentidos”. Assim, “o sentido é um valor, e o texto é um pretexto, um potencial de sentido para leitura, que põe em jogo dois textos, sendo o sentido aquilo que está em jogo em ambos”. Desse modo, “a leitura é essencialmente uma avaliação, uma interpretação de um texto em relação a outro”, ou seja, “uma transação”, revelando-se “a estreita relação existente entre sentido / contexto / ato de leitura, tendo o sujeito – o leitor – como produtor de sentido” (DUMONT, 2007, p. 32).

A leitura, “além de transformar o trabalho intelectual numa prática remissiva individual”, pode também conduzir “à outra, numa escala sucessiva de tessituras infinitas”, permitindo “também a prática de voos imaginários por meio da página”. Surge assim a possibilidade da “arte de ler sem interferências, na intimidade absoluta de cada pessoa”. Além disso, “um texto conduz a um outro, a partir “de citações extraídas de culturas diferentes, ou dentro de uma mesma cultura”. Desenvolve-se dessa maneira o próprio “saber

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

no permanente jogo de referências que dizem respeito uma as outras ou que se confrontam" (MORAIS, 2002, p. 27 e 50).

Neste quadro, o leitor "se configura como sujeito dotado de reações, desejos e vontades, a quem cabe seduzir e convencer", de modo que os escritores se deparam "com essa instância de alteridade, procurando conquistá-la de um modo ou de outro". As estratégias do escritor "sinalizam o tipo de comunicação que tem em vista e indicam o modo como se posiciona diante da circulação de sua obra", ou seja, "da socialização de seu texto" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 17).

Em "sua dimensão comunicativa, o texto representa a voz do escritor, em busca de outras vozes para revivê-lo,ativamente, na multidiscursividade da língua e suas possibilidades de uso". Nesse sentido, o escritor tende a provocar "uma reação qualquer no leitor", seja "de consagração ou de indiferença, mas sempre um posicionamento". Assim, "o texto só tem sentido graças a seus leitores e leitoras, efetuando aí mudanças que, muitas vezes, ultrapassam a intenção primeira do autor". Deste modo, "sem o leitor, o texto não tem vida própria", constituindo "apenas uma possibilidade de vir a ser" (MORAIS, 2002, p. 49).

No caso das mulheres, "independentemente dos objetivos que determinaram" a sua formação, "a educação recebida transforma-as em leitoras", por vezes até mesmo com assiduidade, suplantando "a relação subalterna e passiva com o mundo da cultura escrita". Da leitura feminina, como no caso dos romances, emerge uma "dialética entre testemunho e fantasia, sendo esta última a que possibilita à literatura esboçar uma utopia para as mulheres brasileiras do século XIX", visando a

“desafiar o universo masculino” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 251 e 255).

Nos quadros brasileiros do século XIX, o ato da leitura entre as mulheres chegava por si só a permitir-lhes um outro olhar diante da sociedade. Dessa forma, “valorizava-se a leitura como símbolo de instrução e como forma de socialização”, ou seja, “a prática da leitura” era “entendida como uma chave de acesso ao saber erudito, ao brilho que a cultura letrada propicia” (MORAIS, 2002, p. 35).

Deste modo, entre o público feminino desenvolve-se “o domínio da leitura, o gosto pela literatura, a capacidade de manifestar opiniões literárias”, demarcando a perspectiva pela qual “educação e leitura alçam-se à condição de virtude”. Passam a agir então “mulheres educadas e leitoras que, a partir dessa condição”, as quais “se somam outras, é certo”, passam a desafiar “seus parceiros e impõem sua vontade soberana”, de maneira a, com isso, alargarem “as fronteiras da representação” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 256-257).

O domínio das letras constitui uma campanha constante entre as propugnadoras da emancipação feminina. Neste quadro, as irmãs Melo lançam mão de seus vários equipamentos intelectuais para promover tal causa. Fosse através dos meios literários ou dos jornalísticos, por vezes mesclados entre si, elas são incansáveis em defender a educação feminina. A prosa, a poesia, a crônica, o conto e os artigos de periódico, produzidos em larga escala, contribuem para a difusão de suas ideias. Mas também a dramaturgia serviu para levar em frente a bandeira de mudança no papel social da mulher.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

A partir da obra teatral, o autor pode revelar, por um lado “o seu posicionamento existencial e, por outro” acrescentar “algo para o acervo emocional e intelectual do leitor”. Assim, este leitor tem condições de enriquecer “de algum modo a sua maneira de estar no mundo”, bem como sendo possível “proporcionar-lhe o inimitável prazer da descoberta de algo que ele desconhecia” (MICHALSKI, 1984, p. 50).

O texto para teatro tem suas distinções para com os demais, tendo em vista exatamente o “seu caráter teatral, ou seja, de texto consagrado à representação”. As partes integrantes de “uma peça teatral recebem o nome de atos” que, no século XIX, passam a ser três. Tais segmentos, “caracterizam-se pelo fato de entre eles suspender-se a representação, baixar a cortina e oferecer-se um intervalo”. No que tange à organização, “os componentes fundamentais de uma peça” são “a ação, o cenário e o diálogo” (MOISÉS, 1977, p. 204-206).

O sentido do drama teatral traz em si a ação e, a partir de tal “sentido fundador, torna-se decisiva, na caracterização modal do drama, a valorização de tensões e conflitos”, que devem ser “resolvidos num determinado tempo e vividos por personagens em número normalmente não muito alargado”. Nos textos de teor dramático, “uma ação normalmente singular é vivida por um conjunto de personagens que entre si se relacionam de forma muitas vezes conflituosa e com recurso dominante ao diálogo”. Tais relações transcorrem num “processo evolutivo” e “num tempo concentrado”, conduzindo “a um desenlace” (REIS, 2003, p. 266-267-270-271).

Em linhas gerais, o leitor busca a “distração na leitura de uma peça, mas ao mesmo tempo”, ele pode

“saber como o seu autor concebe o mundo e os homens, pois o seu modo de ver ensina a ver melhor” o próprio leitor/espectador, bem como “a realidade circundante”. Nesta linha, “o impacto do teatro, por ser direto, ainda quando lido, promove o nosso autoconhecimento e o conhecimento da conjuntura que nos rodeia” (MOISÉS, 1977, p. 218). Assim, no teatro, “o drama é uma dialética fechada em si mesma, mas livre e redefinida a todo momento” (SZONDI, 2001, p. 30).

As peças teatrais podem provocar “no espectador a reflexão sobre a eficácia dos valores ideológicos impostos pela sociedade”, vindo a demonstrar “que tais valores são falsos e hipócritas, o drama sugere a mudança de costumes e de comportamentos” (D’ONOFRIO, 2007, p. 280). Tais características essenciais podem ser identificadas nas experiências das irmãs Melo, pois no drama *Coração de mãe*, as autoras incorrem nesta interação com o público, levando a ele reflexões sobre a realidade que o rodeia. Além do próprio drama teatral, as escritoras lançam *Coração de mãe* no formato impresso, revelando o papel do livro na difusão da leitura, uma vez que “a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que leem” (CHARTIER, 1999, p. 106).

Ao longo de sua obra, as irmãs Melo atuaram como intelectuais engajadas em relação à causa feminina e isto não seria diferente na dramaturgia. Além do próprio reconhecimento intelectual de ambas, que em muito contribuía na difusão de sua causa, a ideia de não restringir *Coração de mãe* apenas às apresentações de teatro, levando à edição do livro impresso, revela o papel de tal meio como divulgador de suas lutas. Neste caso, “o livro indicava autoridade, uma autoridade que

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

decorria, até na esfera política que ele carregava” (CHARTIER, 1999, p. 84). Assim, “a circulação dos impressos” causa impacto “numa sociedade que ainda era bastante oral”, como a brasileira, “durante a segunda metade do século XIX” (MORAIS, 2002, p. 29).

Neste quadro, as irmãs Melo adquirem um considerável reconhecimento intelectual, que lhes confere um certo poder de convencimento, a partir de sua ação literária. Como escritoras e jornalistas, elas refletiram acerca de seu contexto histórico e promoveram a causa da emancipação feminina. Em termos literários, “nenhuma definição formal, pode, com efeito, esconder que a afirmação da especificidade do ‘literário’ e da sua irredutibilidade a qualquer outra forma de expressão é inseparável” do próprio “campo de produção que supõe e, ao mesmo tempo, reforça”. Trata-se, assim, de observar a produção literária inter-relacionada com os “sinais exteriores, socialmente conhecidos e reconhecidos, da sua identidade”, ou seja, há “uma espécie de quinta-essência histórica”, surgindo o trabalho literário também como um “produto do lento e longo” processo histórico (BOURDIEU, 1989, p. 70-71).

Ocorre então uma “construção social” do literário, ou seja, é estabelecido “um universo social capaz de definir e de impor os princípios específicos de percepção e de apreciação do mundo natural e social e das representações literárias”, as quais, por sua vez, associam-se às questões de natureza estética (BOURDIEU, 1989, p. 256). O próprio enfoque estético não “deixa de levar em conta as condições sociais” e a “experiência vivida”, inerentes a uma obra literária, cuja “apreensão e apreciação” também permanecem

condicionadas a “uma dada situação histórica e social” (BOURDIEU, 2007, p. 269, 271).

Fica assim evidenciado que a composição da obra literária leva em conta “as condições da produção de um profundo efeito do real”, ou seja, é preciso “fazer da escrita uma pesquisa insuperavelmente formal e material”, embasada na “experiência intensificada do real” que as palavras “contribuíram para produzir no próprio espírito do escritor”. Torna-se necessário, assim, buscar no texto “a ordem do sentido e a ordem do sensível”, de modo a “descobrir a visão intensificada do real”, que aparece “inscrita no trabalho da escrita” (BOURDIEU, 1996, p.128-129).

A obra literária pode constituir “uma homologia entre o espaço das obras definidas em seu conteúdo” e aquele vinculado ao seu “campo de produção”, observando o papel da “realidade social” no “campo literário”. Assim, a pesquisa sobre um determinado escritor deve levar em conta “a sua origem social e as propriedades socialmente constituídas” a ele inerentes, as quais trazem em si “uma expressão mais ou menos completa e coerente das tomadas de posição” deste mesmo escritor (BOURDIEU, 1996, p. 234, 243-244).

A produção artístico-literária “é social nos dois sentidos”, pois “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação”, bem como “produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo” ou ainda “reforcando neles o sentimento dos valores sociais”. Nesta linha, “sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

de influências recíprocas” (CANDIDO, 2000, p. 20-21, 24).

Desta maneira, a construção textual “pode ser vivida ou contextual”, uma vez que o “discurso literário” traz em si “um certo número de significações implícitas”, originadas da “experiência total do mundo” (LEFEBVE, 1975, p. 156, 161). As “forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor”, de maneira que uma “obra é fruto da iniciativa individual” e das “condições sociais”, surgindo “na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas” (CANDIDO, 2000, p. 25-26).

Como intelectuais e interagindo com sua conjuntura histórica, as irmãs Melo compõem um sistema de conexões com autores de vários lugares do Brasil e do mundo, aparecendo como um dos “fios importantes dessa rede” (TELLES, 2015, p. 426). Esta ação se consolida por tratar-se de escrita feminina, pois, “nesta floração de mulheres escritoras”, elas não se encontram “isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina”, que “mantém vínculos com os outros centros do país” (SOARES, 1980, p. 145). A partir daí, fica estabelecida uma série de relações “visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual – sobretudo as interações entre autores ou entre os autores e os editores” e destes para com os leitores (BOURDIEU, 1989, p. 65-66).

Tais redes estabelecidas entre um conjunto de escritores trazem em si uma série de influências recíprocas. Na constituição desse emaranhado de autores, obras, citações, dedicatórias e correspondências pode ser estabelecido um certo feixe de relações recíprocas, assim “constituído no interior do campo

ideológico de que faz parte”, bem como estabelece a sua posição em meio ao “campo intelectual do grupo de agentes que o produziu”. Ficam então demarcadas “as visões em perspectiva do campo intelectual ou político”, revelando-se “uma posição em um sistema de relações entre posições, que conferem sua particularidade a cada posição e às tomadas de posição implicadas”. Desta forma, fica estabelecido “o campo intelectual como sistema de posições predeterminadas”, de modo a abranger os “agentes providos de propriedades socialmente constituídas” (BOURDIEU, 2007, p. 186 e 190).

Especificamente quanto à escrita feminina no rol desta rede de inter-relações, os textos “redigidos por mulheres eram socialmente produzidos num trabalho coletivo de construção da realidade pelas mulheres do século XIX”. Elas “reuniam-se, discutiam, tomavam posições, deliberavam, formavam associações, elaboravam projetos, a fim de que as vozes femininas pudessem falar publicamente” por meio dos “impressos que circulavam”. Por meio de tais ações, elas também poderiam “falar publicamente, transformando suas práticas de leitura num debate social e público”. Este era “um trabalho coletivo, construído na concorrência e na luta inscrita no campo de poder” (MORAIS, 2002, p. 31).

Em tal conjuntura intelectual estão “duas importantes representantes da escrita feminina sul-riograndense, as irmãs Melo – Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo”, com “uma longeva atuação como escritoras e jornalistas no Rio Grande do Sul das décadas finais do século XIX e iniciais do seguinte”. Elas “tiveram influência nas lides literárias desde o berço, com vários membros da família atuando em tal sentido”.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Revocata Heloísa de Melo “nasceu em Porto Alegre, a 31 de dezembro de 1853”, passando a morar ainda jovem na cidade do Rio Grande, “onde desenvolveu toda a sua longa carreira, até a morte, em 23 de fevereiro de 1944”. Já “Julieta Nativa de Melo era o nome de batismo da outra irmã – o Monteiro foi acrescido com o casamento –, nasceu a 21 de outubro de 1855”, também no Rio Grande, onde “viveu e escreveu até o falecimento, em 27 de janeiro de 1928” (ALVES, 2018, p. 62).

A ação intelectual de ambas, “como era comum à época, foi múltipla, movendo-se em direções variadas, como a poesia, o conto, a crônica e a dramaturgia”. Quanto aos livros impressos, “Julieta Monteiro publicou *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Alma e coração* (1897) e *Terra Sáfara* (1928 – edição póstuma)”, enquanto “Revocata de Melo publicou *Folhas errantes* (1882). Mas “a parceria das duas era tão constante, que chegaram a publicar conjuntamente *Coração de mãe* (1893), escrito a quatro mãos”, assim como “*Berilos* (1911), edição na qual cada uma redigiu uma das duas partes em que se divide a obra, diversificada entre contos e crônicas”. As irmãs ainda “exerceram a docência, atuando como professoras particulares”, mas “o ponto alto de suas carreiras foi o jornalismo, no qual militaram, ininterruptamente, desde os anos 1870, até suas respectivas mortes” (ALVES, 2018, p. 62-63).

A rede de ação intelectual em que atuam decisivamente envolve a colaboração em diversos periódicos de variados gêneros, com especial atenção às publicações de natureza literária e à imprensa feminina. Além disso, ambas têm um papel fundamental como editoras de periódicos, como no caso de Julieta, que edita a *Violeta*, entre 1878 e 1879, tendo Revocata como

sua principal colaboradora; e, pouco depois, Revocata de Melo passa a editar o *Corimbo*, um dos mais longevos jornais femininos brasileiros, publicado entre 1883 e 1944, contando com a participação de Julieta na redação da folha. Tais periódicos têm um alcance extraordinário, promovendo intercâmbios com os vários lugares do Brasil e mesmo com o exterior. Além disso, as duas publicações dão espaço relevante para a divulgação da escrita feminina, bem como atuam decisivamente para a difusão da leitura entre as mulheres.

Elas levam em frente a bandeira da educação feminina, tal qual grande parte do movimento a favor dos direitos das mulheres. Nesta época, as escritoras denunciam “a precariedade educacional da mulher, apontada ora como causa geradora de sua deplorável situação de passividade, ora como consequência da injustiça dos homens”. Também aparecem “críticas às mulheres superficiais quanto à vida intelectual”, denotando “o repúdio das escritoras a um nível acanhado de educação contra o qual se manifestaram das mais diversas maneiras” (BERNARDES, 1989, p. 136).

Nesse sentido, a causa da emancipação feminina, especialmente por meio da educação, foi um tema recorrente na atuação das irmãs Melo em sua ação como intelectuais engajadas. A instrução da prole e a educação no âmbito familiar eram tóricas nos seus escritos. É o caso de artigos publicados por Revocata Heloísa de Melo acerca da educação familiar, buscando divulgar às suas “benévolas leitoras”, um assunto “de interesse” do sexo feminino, relacionado à “educação do lar”, apontada “como o mais profícuo e salutar princípio ao desenvolvimento moral e social” (MELO, 1888, p. 2).

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Mais tarde, Revocata reforça o tema, afirmando que cabe à mulher um papel essencial na educação da família, devendo ela lutar por “princípios” que transformassem o lar em um ambiente de “sentimentos exemplificadores”, influenciando decisivamente junto ao “espírito das gerações novas” (MELO, 1911, p. 173).

Especificamente quanto à educação feminina, Julieta de Melo Monteiro utiliza-se de versos para defender a inserção das mulheres nos meios estudantis, único caminho viável, segundo a autora, para uma mudança no papel social feminino. Neste sentido, ela pregava que as mulheres deveriam deixar de lado hábitos e afazeres mais comezinhos, dedicando-se essencialmente aos estudos:

É no estudo apurado das letras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,
Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois ó flores singelas
Meigas virgens que em trevas viveis,
Que áureo prêmio de vossos trabalhos
No saber muito breve achareis. (MONTEIRO,
1881, p. 34)

A relevância da mulher na sociedade e a necessidade do seu aprimoramento educacional são

mais uma vez debatidas nas palavras de Julieta Monteiro:

A história de todos os tempos mostra-nos um sem número de exemplos da capacidade intelectual da mulher; exemplos que se repetiriam diariamente se fossem outros os elementos de que dispõe (...), cuja educação tem sido até hoje tão cruelmente descurada, e cuja liberdade de proceder na sociedade, tem encontrado sempre as mais rigorosas peias, especialmente, em nosso país.

Não nos parece, no entanto, que haja razão para isso, e folgamos em ver que a nosso lado batalham grandes espíritos, que lutam em prol da educação e emancipação da mulher.

Como o homem, ela tem direito: como ele, ela pode pensar e agir. (...)

É necessário, pois, que ela, rompendo os ridículos preconceitos a que infelizmente por uma mal entendida submissão, teima em prestar culto, apareça tal qual é, inteligente, ativa, empreendedora, (...) tomando parte empenhada em todos os tentames proveitosos, onde pode salientar-se pelo seu critério, pela sua eloquência persuasiva, pela sua fácil compreensão, pelo modo judicioso com que encara certas questões (...).

A mulher não nasceu simplesmente para obedecer: a história nos mostra que muitas delas têm dado irrecusáveis provas de sua capacidade para governar. (MONTEIRO, 1897, p. 166-168)

No mesmo tom, Revocata de Melo propugna a ideia da emancipação feminina e dos direitos da mulher:

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

(...) por que não havia a mulher nascer para grandes cometimentos?

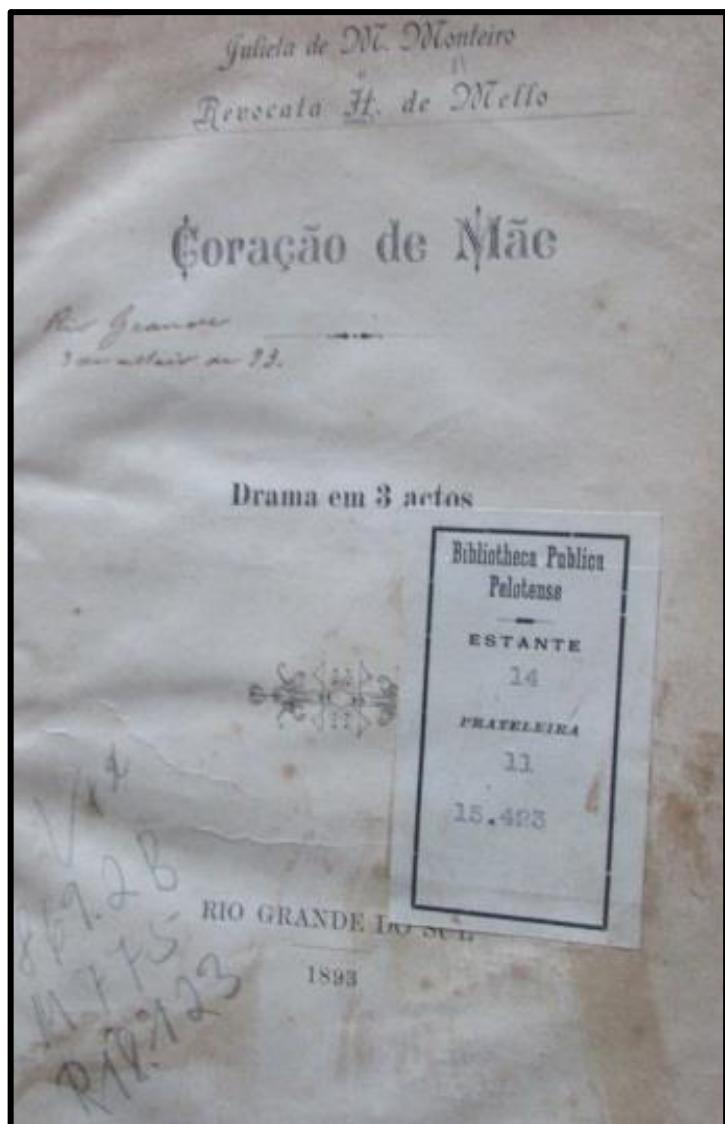
Que importa a fragilidade de matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa!

O gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos; desde a antiguidade, em quanta fonte feminil tem ele derramado suas brilhantes fagulhas!?

A mulher que por meio do estudo e das letras busca a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito; e desterrando a ignorância, é mais digna de louvores e de admiração que o homem (...).

Deixem-nos, pois, hastear nosso estandarte, soltarmos o grito não da rebeldia, nem da revolta anarquista, mas sim de apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos. (MELO, 1882, p. 1-2)

O pendão da batalha em favor da causa da emancipação feminina, principalmente por meio da educação, tendo a leitura como ferramenta fundamental, faz-se presente na prática dos diversos gêneros literários nos quais as irmãs Melo atuam, como é o caso do drama teatral. O trabalho dramatúrgico das escritoras foi publicado em 1893 no formato de um pequeno livro de quarenta páginas. A publicação traz à folha de rosto, o título *Coração de mãe*, a identificação do nome das duas autoras, a explicação de que se trata de um “drama em três atos”, o ano e o local de edição.



LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

O livreto foi publicado na Tipografia da Livraria Rio-Grandense, uma das mais importantes casas culturais da cidade do Rio Grande, atuando como um significativo centro de convivência intelectual, tão comum naquela época. Naquela época, “as livrarias, de um lado, ganhavam espaço e importância; de outro, ganhavam prestígio como ponto de encontro, de troca e de influência” (MORAIS, 2002, p. 37).

A militância de Revocata de Melo e Julieta Monteiro em meio à dramaturgia, além de *Coração de mãe*, estendeu-se a outros títulos, como *Grinalda de noiva*, da lavra da primeira, *Mário*, uma parceria das duas escritoras, *Noivado no céu* e *O segredo do Marcial*, de autoria da segunda. Entretanto, só o primeiro, além de ter sido encenado em algumas localidades gaúchas, chega ao público no formato de livro (FISCHER, 2014, p. 190 e 200; SOUSA, 1960, t. 2, p. 348 e 364; SOUTO-MAIOR, 1996, p. 11 e 43).

Coração de mãe tem por protagonista Lúcia Amaral, viúva e mãe da jovem Esmeralda. Ela conta com a amizade de Ascânio de Castro, um médico, que prometera ao falecido marido de Lúcia velar por ela e pela órfã. Ascânio acaba por introduzir ao convívio da família o seu colega Jaime Sá, que namorara Lúcia na juventude. Pouco a pouco os sentimentos entre Lúcia e Jaime voltam a aflorar, entretanto, Esmeralda também se apaixona por ele. Em alusão ao título da obra, Lúcia sacrifica o sentimento amoroso em nome do amor fraternal e convence Jaime a casar-se com Esmeralda. Ao fim, o enlace matrimonial ocorre, mas Lúcia, acometida por grave enfermidade, acaba por perecer.

Ainda que a trama siga muitos dos padrões literários de então, especialmente quanto ao aspecto

trágico, as irmãs Melo introduziram na obra várias alusões à questão da leitura feminina. Logo na folha de rosto, as autoras definem que a época abordada no drama é a atualidade, ou seja, o final do século XIX, demonstrando que pretendem abordar temáticas inerentes ao tempo em que viviam, demarcando que, também por meio da dramaturgia, não deixariam de defender a causa da educação feminina, eminentemente por meio da leitura.

Já na abertura do 1º ato, na primeira cena, ou seja, o primeiro impacto promovido junto ao público da peça e aos leitores, é revelado que a protagonista tem o gosto pela leitura. Mas, mais do que isso, Lúcia tem uma biblioteca em sua casa, com opção variada de autores. Embora ela não se faça presente na cena, o alvo da descrição é a própria Lúcia, presente em conversa entre Jaime e Ascânio. Os dois médicos entretêm-se observando a coleção bibliográfica da protagonista, envolvendo escritores europeus. Jaime mostra-se de certo modo céptico, considerando o gosto da protagonista como excessivamente romântico, ao que Ascânio contrapõe, dizendo que se tratava de uma leitora voltada à sensibilidade:

DR. JAIME (de pé diante da estante lê alto os títulos das obras) - *Atala, Raphael, Memórias de uma mulher, Jocelyn, Graziella, Tristezas à beira-mar;* (voltando-se para Ascânio que folheia um álbum de desenhos) Quanto romanticismo!...

DR. ASCÂNIO (sem levantar a cabeça) - É uma alma extremamente sensível, é. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 5)

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

As leituras citadas como fazendo parte da biblioteca de Lúcia trazem expoentes do pensamento romântico. Um deles é Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869), poeta, romancista, diplomata e político francês, que tem forte influência no Romantismo em seu país natal. (PERDIGÃO, 1934, p. 315). Dentro seus romances, é destacado *Graziella*, de 1852, que narra a trajetória de um jovem francês o qual é enviado pela família para a Itália, de modo a evitar uma relação indesejada. Em terras italianas, ele viaja por várias cidades, fazendo amizades e atuando como pescador. Após um sinistro, ele acaba por conhecer a jovem Grazziela, tornando-se muito próximo a ela, que lhe mostra as belezas naturais italianas e ele a apresenta ao mundo das letras. A amizade se transforma em amor, mas os enamorados têm de enfrentar vários obstáculos para consumar o romance, como a possibilidade da moça casar-se com outro.

Ainda de Lamartine, está presente em *Coração de mãe* a obra *Jocelyn*, publicada em 1836, constituindo um poema romântico, que tem como protagonista o padre Jocelyn, cujas memórias são descobertas posteriormente à sua morte. Ele passa seus primeiros anos em ambiente rural, mas tem de abdicar das alegrias da juventude, tendo em vista a decisão familiar de seguir a vida clerical. Já ordenado e diante da guerra, ele opta por retirar-se para as montanhas alpinas. Lá, o padre acaba por dar abrigo a dois refugiados, um menino e um velho que logo morre, ficando aquele sob a guarda de Jocelyn, desenvolvendo uma profunda amizade entre ambos. Após um acidente, fica revelado que o protegido é na verdade uma moça disfarçada para evitar as perseguições. A amizade se transforma em amor, mas o

clérigo prefere manter sua vocação religiosa, renunciando aos sentimentos da jovem Laurence, que vai para Paris e constitui família, retornando o protagonista para a vida de retiro. As coincidências do destino levam Jocelyn a encarregar-se da extrema-unção de Laurence, a qual revela seu amor por ele, deixando-lhe sua fortuna por herança, vindo seu corpo a ser enterrado no local montanhoso onde eles se conheceram e conviveram.

Também de Lamartine é *Rafael*, romance publicado em 1849, com tendências autobiográficas, rememorando por meio da ficção a juventude da época de seus vinte anos. O ambiente da história é profundamente bucólico, com minuciosas descrições da natureza. Há também uma certa perspectiva crítica em relação ao meio social, principalmente a partir de uma espécie de denúncia às mazelas da pobreza. A constante presença da morte, marca das tendências literárias de então, também se faz manifestar no romance. O protagonista que dá nome ao livro é um jovem pobre apaixonado pela órfã Júlia, que vivera até os dezoito anos num convento. Mas, para garantir a sobrevivência, a moça acaba por casar-se com um homem mais velho, tendo de renunciar ao amor por Rafael, restando entre eles apenas uma relação sentimental de cunho platônico. O desfecho trágico ocorre a partir da morte de Júlia, após padecer com uma doença, enquanto Rafael sobrevive mais algum tempo, até também perecer por causa da tristeza, da solidão e do vazio deixado pela amada.

Outro autor que aparece na coleção bibliográfica de Lúcia é François René Auguste de Chateaubriand (1768-1848), escritor francês de origem aristocrática, com participação na vida política e diplomática de seu país,

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

notadamente nos períodos de vigência monárquica. Também exerceu significativa influência no Romantismo francês e mesmo mundialmente. (PERDIGÃO, 1934, p. 287-288). É citada a novela *Atala*, editada em 1801, e inspirada a partir das viagens do autor pela América do Norte. A trama traz consigo os contatos entre a considerada “civilização” dos europeus e a “selvageria” dos indígenas. Ainda assim, o escritor aborda a figura do índio com certa simpatia, revelando uma perspectiva comum à época, retratando o que era denominado como o “bom selvagem”. A história apresenta um jovem francês, René, que em meados do século XVIII viaja em missão às terras norte-americanas. Lá chegando ele trava contatos com os indígenas, precisamente com um chefe chamado Chactas, o qual passa a contar-lhe várias histórias, dentre as quais a índia *Atala* é a protagonista.

Aparece também como uma das preferências da protagonista de *Coração de Mãe*, o escritor Octave Feuillet (1821-1891), romancista, jornalista e dramaturgo francês que chega a ocupar uma cadeira na Academia Francesa de Letras (THIEME, 1907, p. 157). A obra em pauta é *Memórias de uma mulher*, publicada em 1878, que versa sobre Carlota. Esta volta para Paris, após uma estada num convento e, a partir daí, inicia o que ela denomina como álbum de memórias. A narrativa se estabelece na forma de um diário da protagonista, que se autodenomina como romântica e apaixonada. Carlota é convidada por Cecília para viver em um castelo retirado de Paris, de modo a ajudar na escolha de um marido para a amiga. Ambas vêm a adquirir matrimônio e, após triângulos amorosos e traições, a história traz o suicídio de Cecília, ato escondido por parte de Carlota que, viúva e mantendo uma paixão secreta e mútua pelo marido da

amiga, escolhe entregar-se à solidão, de modo a manter intacta a honra da amiga.

A lista de autores da biblioteca de Lúcia conta ainda com Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), romancista, jornalista, historiador e dramaturgo português, com uma obra teatral de forte repercussão em Portugal (PERDIGÃO, 1934, p. 512-513). O romance destacado no livro das irmãs Melo é *Tristezas à beira-mar*, trazido ao público em 1866. A obra traz um contraponto entre o ambiente rural e o urbano, ou ainda, entre as pequenas localidades interioranas e os grandes centros metropolitanos. Na Ericeira se dá uma bucólica relação romântica entre Leonor e Jorge, mas uma nova personagem, Madalena, recém-chegada de Lisboa, mudaria os rumos da relação. Jorge acaba por abandonar Leonor, casando-se com Madalena e mudando-se para Lisboa. Leonor fica entregue à solidão, mas depois de algum tempo, Jorge morre em um naufrágio e Madalena volta para a Ericeira com sua filha, cujo nome, não sem coincidência, também era Leonor.

Além de *Coração de mãe* trazer logo à abertura a presença de uma mulher leitora e possuidora de uma biblioteca, demarcando claramente a intenção das autoras, as obras em pauta, apesar da crítica de Jaime, logo rebatida, quanto a tratar-se de um excessivo romanticismo, têm certa característica em comum, também revelando a meta das irmãs Melo. Em linhas gerais, os livros destacados mesmo que centrados nos encontros e desencontros sentimentais e nas tragédias de cunho amoroso, têm entre si a aproximação da incidência em suas páginas de protagonistas e/ou personagens femininas de destaque.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Em outra passagem de *Coração de mãe*, Jaime e Ascânio continuam a travar conversa acerca da protagonista, de modo que o primeiro traça comparações entre a Lúcia que conheceu na juventude e a viúva com quem passara a conviver quase duas décadas depois. Mais uma vez é Ascânio que define a Lúcia daquele final de século como muito melhor do que a jovem inexperiente. Dentre as qualidades destacadas pelo médico em relação à protagonista, está o seu gosto pela leitura, definindo-a como uma mulher “ilustrada”:

DR. ASCÂNIO - Lúcia é hoje duplamente encantadora. Na sua fronte onde brilha esplendorosa a mocidade, irradia o talento. Quando a amaste era simplesmente uma criança formosa; hoje é uma mulher adorável, uma mulher de ilustração. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 6)

A confirmação de que Lúcia é uma “mulher de letras” vem em outro segmento da conversa entre os dois colegas. O diálogo centra-se em considerações como tais mulheres “ilustradas” nem sempre contam com a compreensão da sociedade, bem como em direção às suas relações amorosas:

DR. ASCÂNIO - (...) As mulheres de letras, as sonhadoras das utopias, são um tanto difíceis de ser compreendidas.

DR. JAIME - São criaturas que geralmente merecem a nossa admiração, e poucas vezes o nosso amor.

DR. ASCÂNIO - Não, elas têm inspirado ardentes afetos e parece-me que nenhuma

mulher, como elas, pode compreender o amor. O que não é fácil é satisfazer-lhes o coração. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 7)

O tema da “ilustração” de Lúcia é ainda retomado em outra passagem na qual ela conversa com Jaime. Entre flerte e admiração, ele instiga a protagonista quanto aos seus pendores para com as letras:

DR. JAIME (voltando-se pra Lúcia) - Tem conversado muito com as musas, V. EX.?

LÚCIA (sorrindo) - Pouco, muito pouco. Eu procuro-as muito, porém elas fogem-me desapiedadamente.

DR. JAIME - Suponho que V. Ex. engana-se. As irmãs geralmente vivem em doce união. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 10)

Um olhar crítico das irmãs Melo também aparece em sua obra dramatúrgica, especificamente quanto ao gosto pelas ciências, colocado como uma preferência masculina, não seria compatível com a admiração pelas letras, alocado no campo das preferências femininas:

DR. ASCÂNIO - Eu gosto imenso da literatura, mas a ciência deixa-me pouco tempo para segui-la de perto; sabe que a minha imensa clínica afasta-me completamente da poesia.

LÚCIA - E dos seus cultores.

DR. JAIME - Não, o Dr. Ascânia se não tem tempo para habitar na esfera em que convivem as musas, possui a felicidade de, talvez como poucos, ser poeta de coração. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 19-20)

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Um dos pontos altos de *Coração de mãe* no que se refere à leitura feminina se dá numa longa passagem em que é abordado o livro *Lésbia*, da autora gaúcha Maria Benedita de Bormann, considerado como uma relevante manifestação da escrita feminina no Brasil do século XIX:

LÚCIA (entrando com um livro na mão) – Este livro agrada-me em extremo; belo talento que soube tão bem descrever as torturas de um amor infeliz. (sentando-se) Lésbia, esta mulher heroica e mártir, tem alguma paridade comigo. (...)

(Ascânio folheia o livro que Lúcia deixou sobre o sofá)

DR. ASCÂNIO – D. Lúcia que é a autora deste livro? Porque Délia é o nome que o assina, mas é sem dúvida pseudônimo.

LÚCIA – É pseudônimo sim, Dr. Ascânia, a autora desta obra é Maria Benedita de Bormann, uma rio-grandense distintíssima, atualmente na Capital Federal. (...)

ESMERALDA – Esse livro impressionou muito a mamãe.

LÚCIA – Na verdade, há muito não leio romance que tivesse o poder de sensibilizar-me tanto. Mesmo porque, depois que a desgraça amordaçou-me o coração para a dor de todos os sentimentos alheios (...) pondo a mão no peito parece que tudo aqui é gelo.

DR. JAIME – V. Ex. dignar-se-á emprestar-me *Lésbia*, não é o título do livro?

LUCIA – *Lésbia*, sim. O Dr. pode levá-lo hoje mesmo se quiser, e creia que não empregará mal o seu tempo lendo-o.

DR. ASCÂNIO (sempre folhando o livro e lendo-o destacadamente) – Há aqui pensamentos

sublimes e um grande estudo do coração da mulher idealista. Pena segura e hábil, de notável observadora do mundo social. Permitam-me a leitura deste trecho. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 16 e 19-20)

A descrição sobre *Lésbia* é minuciosa, chegando a ocorrer a citação de trechos da obra, além de vários elogios, revelando a admiração das irmãs Melo para com a obra de Maria Benedita de Bormann:

DR. ASCÂNIO (lendo alto) – “Havia no coração misterioso volitari; era a revoada das passadas crenças, das primitivas ilusões, dessas preciosas joias da mocidade, que se perdem aos poucos na estrada da vida; e todo aquele bando voltava ao ninho, sedento de conchego, esquadrinhando os interstícios, procurando o preferido cantinho de outrora, com a carinhosa saudade dos que voltam...”

DR. JAIME - Belo, muito belo! (repetindo as últimas palavras de Ascânia) (...) Quisera neste momento expressar de viva voz à autora de *Lésbia* a minha admiração. Quisera mesmo beijar-lhe as mãos, tanto soube ela falar-me ao coração. (...)

DR. ASCÂNIO - Este livro tem mesmo preciosidades; a altivez com que Lésbia responde aos banais galanteios de um grotesco e enfatuado barão: (lendo) “Para mim só há uma nobreza – a do talento, e essa é tão forte, tão alheia à evolução social, tão subjetiva, que não tem a recear revoluções, nem confisco de bens, nem carece de ascendência, nem de posteridade.”

(MONTEIRO; MELO, 1893, p. 21)

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

A respeito do livro e de sua autora, que denotam o encontro da ficção com a realidade, Maria Benedita Bormann, que escreve sob o pseudônimo de Délia, é uma “romancista, novelista, jornalista, pintora, pianista e cantora”, que “nasceu em Porto Alegre em 25 de novembro de 1853, vivendo no Rio de Janeiro até 23 de julho de 1895”. Foi esposa do Marechal José Bernardino de Bormann, seu tio, e militar que atuou na Guerra do Paraguai, do qual se desquitou. Uma de suas obras de maior destaque é exatamente aquela citada em *Coração de mãe*, o romance *Lésbia* (COELHO, 2002, p. 411; MARTINS, 1978, p. 99).

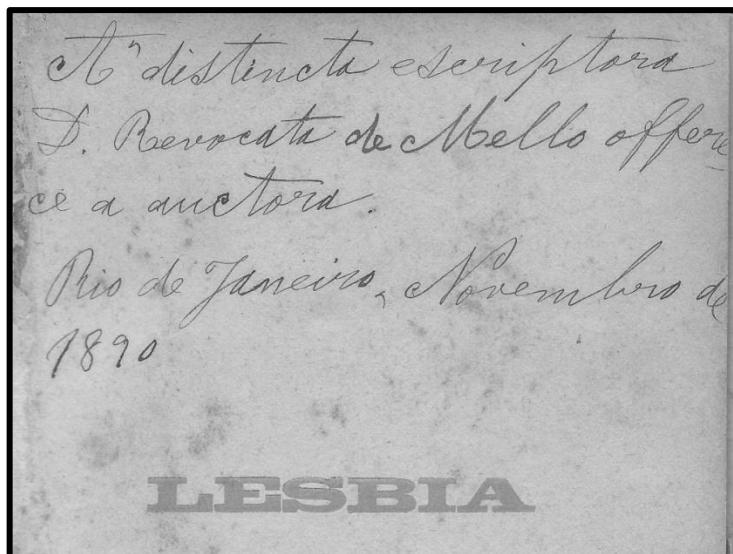
Tal livro tem por protagonista Arabela, conhecida apenas como Bela, e traz vários elementos que se identificariam com a luta pela emancipação feminina. A própria Bela consegue tal independência, após se separar do marido, passando a apresentar-se como Lésbia em seus escritos. Apesar da tendência emancipacionista, os amores impossíveis e as tragédias amorosas também aparecem em tal publicação. É a própria autora que, dirigindo-se “Ao leitor”, esclarece que “*Lésbia* termina pelo suicídio”, o qual, “longe de ser um ato irrefletido ou violento, é antes a consequência fatal do seu tormentoso e acidentado viver” (BORMANN, 1890, p. I, II).

A autora de *Lésbia* destaca ainda que seu livro é o “resultado de sentimentos amargos, mas encerra proveitoso ensinamento que lhe emprestará alguma utilidade”. Maria Benedita Bormann prossegue afirmando que sua obra “é um romance à parte, porque, sendo a protagonista uma mulher de letras, a vida desta abrange maior âmbito e mais peripécias do que a existência comum das mulheres”. Ela ainda aconselha

que “não se deve viver demasiado pelo coração, pois o fervilhar das paixões envelhece e cansa a alma” vindo a provocar um “desencanto de onde nasce o tédio que de manso leva ao suicídio” (BORMANN, 1890, p. II).

Finalmente, ao apresentar sua obra, Bormann destaca que “Lésbia viveu duplamente”, pois “conheceu todas essas dores crudelíssimas, que são a partilha das almas eleitas e suportou-as com valor, crente de que cumpria um fadário”; até que, “mais tarde, preferiu morrer a trair o único ente que a amava” (BORMAN, 1890, p. III). Temas como um viés da emancipação feminina e o protagonismo de uma mulher escritora em um romance são pontos de interseção da obra de Maria Benedita Bormann com as irmãs Melo. Além disso, elas são contemporâneas e conterrâneas, embora Bormann tenha vivido significativa parte de sua vida no Rio de Janeiro, somando-se a isto o fato de que elas tiveram contato com o livro em questão; não é para menos que o exemplar de *Lésbia*, pertencente ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense, é aquele que pertencia à Revocata Heloísa de Melo e fora oferecido pela autora, bem à época de seu lançamento, inclusive com a dedicatória: “À distinta escritora D. Revocata de Melo oferece a autora. Rio de Janeiro, novembro de 1890”.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



As escolhas feitas pelas irmãs Melo para elaborar *Coração de Mãe* bem demarcam seus objetivos. As autoras escolhem uma mulher para protagonizar a trama, constituindo Lúcia o elemento condutor de toda a história. Ainda que a protagonista tenha sofrido com a relação amorosa, se sacrificado na execução do papel de mãe e perdido a vida de maneira trágica - pressupostos comuns aos padrões literários e estético-culturais de então -, Lúcia é definida como uma “mulher ilustrada”, ou uma “mulher de letras”, ou seja, é uma leitora, com pendores para escrita, ou seja, tem a “amizade das musas”. Ela tem sua própria biblioteca e seus livros citados trazem uma efetiva participação feminina, ainda que fosse apreciada de maneira enviesada por um personagem masculino, que a desqualifica pelo excesso de romantismo.

A maior incursão à leitura se dá nas apreciações acerca de *Lésbia* presentes na obra dramatúrgica. As escritoras demonstram conhecimento pleno de um livro de lançamento relativamente recente e apresentam a autora conterrânea, com a qual elas chegaram a ter contato. *Lésbia* é descrita em detalhes, chegando a ter citados alguns de seus trechos, bem como sendo apresentada como uma das leituras preferidas de Lúcia. Além disso, ao contrário das outras referências bibliográficas que tiveram certa resistência, o livro de Bormann contou com ampla aprovação dos personagens masculinos. Eram duas mulheres escritoras enaltecendo a obra de outra autora, cujo enredo envolvia como protagonista também uma mulher de letras, emancipada a partir de seu trabalho.

Como escritoras engajadas, que utilizam sua autoridade intelectual para dar voz à bandeira da emancipação feminina, Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro também se utilizam do recurso da dramaturgia para levar em frente sua causa. Elas acreditam claramente que o papel social feminino só poderia ser modificado a partir da educação e, para tanto, viam na leitura uma estratégia fundamental para a execução de tal meta. Para tanto, utilizam tanto a peça teatral como o livro impresso para, aberta e diretamente, defender a leitura como uma estratégia fundamental na realização de seus objetivos. Buscando influenciar espectadores e leitores, as irmãs Melo lançam *Coração de mãe* como um difusor do ato da leitura entre as mulheres.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, literatura e antecastilhismo em meio à intelectualidade gaúcha: três estudos de caso.* Rio Grande; Lisboa: Biblioteca Rio-Grandense; Cátedra Infante Dom Henrique, 2018.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? – Rio de Janeiro, século XIX.* São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BORMANN, Maria Benedita de. *Lésbia.* Rio de Janeiro: Evaristo Rodrigues da Costa Editor, 1890.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A economia das trocas simbólicas.* 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.* 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 2000.

CHAGAS, Manuel Pinheiro. *Tristezas à beira-mar.* Porto: Tipografia do Comércio, 1866.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador.* São Paulo: Editora da UNESP; Imprensa Oficial, 1999.

CHATEAUBRIAND, François René Auguste de. *Atala.* Paris: Garnier Freres, s. d.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras.* São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário.* São Paulo: Ática, 2007.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; SANTO, Patrícia Espírito. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. *Ciências & Cognição*, v. 10, 2007, p. 28-37.

FEUILLET, Octave. *Memórias de uma mulher.* Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1878.

FISCHER, Antenor. *Dicionário de autores de literatura dramática do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: FischerPress, 2014.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. (Coord.). *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil.* São Paulo: Ática, 1996.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

LAMARTINE, Alphonse Marie Louis de Prat de. *Rafael*.
Porto: Livraria Chardron, s. d.

_____. *Jocelyn*. 2.ed. Rio de Janeiro: Papelaria
Central, 1911.

_____. *Graziella*. Paris: Editions de L'Abeille D'or,
1928.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e
da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1975.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo:
Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto
Alegre: Editora da UFRGS, 1978.

MELO, Revocata Heloísa de. A mulher e os seus direitos.
Arauto das Letras, Rio Grande, 20 ago. 1882, a. 1, n. 3, p. 1-
2.

_____. A educação no lar. *Progresso Literário*,
Pelotas, 12 ago. 1888, a. 3, 2^a fase, n. 7, p. 2-3.

_____. A educação da família. In: MELO, Revocata
Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio
Grande: [s. n.], 1911. p. 173-177.

MICHALSKI, Yan. Literatura e teatro: o conturbado mas
indissolúvel casamento. In: KHÉDE, Sônia Salomão
(Coord.). *Os contrapontos da literatura*. Coordenação
Iomão. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 47-57.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

MONTEIRO, Julieta de Melo. *Prelúdios*. Rio de Janeiro: Tipografia Cosmopolita, 1881.

_____. *Alma e coração - livro do passado*. Rio Grande. Tipografia Trocadero, 1897.

MONTEIRO, Julieta de Melo; MELO, Revocata Heloísa de. *Coração de mãe*. Rio Grande: Livraria Rio-Grandense, 1893.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário universal de literatura*. Barcelos: Portucalense Editora, 1934.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul - primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

SOUZA, J. Galante de. *O teatro no Brasil – subsídios para uma bibliografia do teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

THIEME, Hugo Paul. *Guide bibliographique de la littérature française de 1800 à 1906*. Paris: H. Welter, 1907.

A inserção social da mulher por meio da educação a partir da imprensa literária e feminina rio- grandina*

Francisco das Neves Alves
Luciana Coutinho Gepiak

É no estudo apurado das letras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,
Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois, ó flores singelas
Meigas virgens que em trevas viveis,
Que áureo prêmio de vossos trabalhos
No saber muito breve achareis. (*Violeta*, 20
abr. 1879. p. 4)

* Publicado originalmente em: *Historiæ, Rio Grande*, 7 (1): 63-80, 2016.

A partir da segunda metade do século XIX, ocorreu um processo crescente de especialização do jornalismo brasileiro, passando a circular publicações voltadas a um mote editorial específico e/ou destinadas a interesses a determinados segmentos em termos de público leitor. Um dos setores mais notáveis de tal especialização jornalística foi a imprensa literária, com propostas de difusão da literatura, propagação da leitura e oferta de entretenimento. Outro segmento foi a imprensa feminina, normalmente representada por periódicos redigidos/dirigidos por mulheres, as quais também compunham o maior público consumidor desses jornais. Muitas vezes houve a associação entre o periodismo feminino e o literário, com folhas editadas por mulheres e voltadas à temática literária, que se espalharam pelo Brasil. No Rio Grande do Sul, essa prática foi a essência editorial de dois periódicos, *Violeta* e *Corimbo*, os quais trouxeram em suas páginas a discussão acerca da inserção social da mulher através da educação.

A imprensa rio-grandina, tal qual a rio-grandense como um todo, iniciou sua jornada fortemente articulada com os episódios que marcaram a Revolução Farroupilha, estabelecendo-se um jornalismo político-partidário e engajado. Após o encerramento daquela guerra civil, pouco a pouco o Rio Grande do Sul passou por um processo de recuperação econômica, política e cultural, de modo que tanto no contexto provincial quanto citadino, houve um crescimento e uma certa diversificação da imprensa, com o surgimento de outros estilos jornalísticos. Nas décadas seguintes, tal diversidade viria a resultar em uma verdadeira especialização do jornalismo, surgindo periódicos com

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

pautas editoriais e voltados a públicos específicos. Foi nessa conjuntura que se deu a evolução da imprensa literária (ALVES, 1999, p. 105-154).

Os periódicos literários tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento da literatura riograndense, exercendo forte influência na produção e divulgação literária provincial (BAUMGARTEN; SILVEIRA, 1980, p. 12). As dificuldades de publicação de livros faziam com que os jornais se tornassem veículos que levavam em frente os textos em prosa e verso dos escritores gaúchos. A cidade do Rio Grande, uma das mais importantes do Rio Grande do Sul da época, teve relevância no contexto cultural rio-grandense, possuindo vários periódicos e o precursor gabinete de leitura da província. Tal ambiente foi também propício ao aparecimento nessa cidade de algumas das mais importantes publicações periódicas literárias do sul do Brasil.

Dentre essas publicações literárias, algumas delas foram também representantes da imprensa feminina. Tal jornalismo é aquele no qual as mulheres atuam tanto como receptoras quanto como produtoras de leitura, com destaque para o conteúdo e o tipo de linguagem específicos nesse tipo de periódico (BUITONI, 1986, p. 8). Dentre esses jornais, houve certa diversidade, variando desde os feministas os mais conservadores e aqueles que pretendiam manter certa neutralidade perante esse debate. Havia ainda os que se dedicavam ao passatempo, os voltados a determinados segmentos como a jovem, a mãe de família, a adolescente, a estudante, e também os destinados a temáticas específicas, como literatura, educação, política, lazer, moda e humor e, finalmente, aqueles mais

diversificados, trazendo de tudo um pouco, como poesia, romance, charadas e escritos militantes (DUARTE, 2016, p. 22). Esses periódicos também atuavam como normativos, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamento desejáveis para a mulher da época (COHEN, 2008, p. 117).

Na execução dessa imprensa literária e feminina na conjuntura sul-rio-grandense tiveram uma destacada participação as escritoras Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloisa de Melo. Como era padrão no contexto intelectual do século XIX, as duas irmãs exerceram múltiplas atividades, de modo que, além da obra literária, escrevendo livros e artigos, desempenharam paralelamente outras carreiras, principalmente a jornalística, gerenciando periódicos, redigindo-os ou colaborando com suas redações (MARTINS, 1978, p. 362 e 375; VILLAS-BÔAS, 1974, p. 313 e 325).

Julieta de Melo Monteiro apresentou uma obra prolífica, cindida por dois impulsos bem delineados. Por um lado, a razão calma e reflexiva a serviço de uma prosa combativa e tenaz, analisando a sociedade de seu tempo, notadamente quanto às questões de gênero e à socialização da mulher, inclusive quanto à sua inserção no processo social, expondo as limitações a ela impostas e apontando a luta pela conquista da cidadania.

Por outro, manifestou uma imaginação sensível e inquieta, dando vazão a uma voz lírica, sustentada pela magnificação da dor, oriunda das perdas sofridas ao longo de sua vida (SCHMIDT, 2004, p. 307-308).

Revocata Heloísa de Melo, de índole romântica, teve uma personalidade forte e uma atuação combativa, lutando por suas ideias em um contexto carregado de

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

polarizações e preconceitos. Defendeu a abolição da escravatura e manifestou certo antagonismo para com o modelo autoritário que dominou o Rio Grande do Sul ao longo da República Velha. Seu pensamento foi influenciado pelo ideal maçônico de liberdade, justiça e paz, o qual foi difundido através de seus escritos. Como poetisa, jornalista, teatróloga e educadora, ela teve uma atuação ímpar no cenário das letras rio-grandenses (SCHMIDT, 2004, p. 893-894).

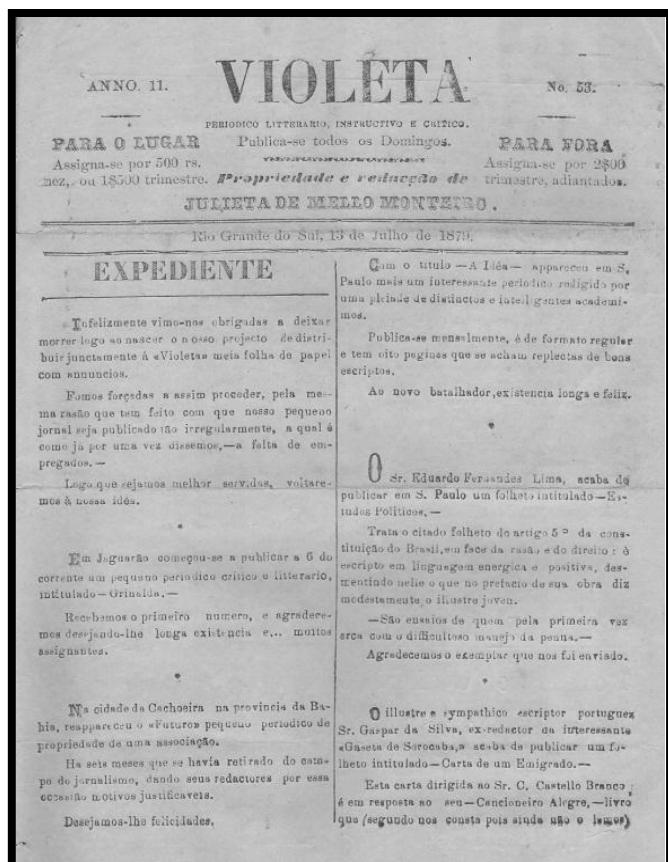
Ambas as escritoras tiveram um papel fundamental na edificação da imprensa literária e feminina sulina. Julieta Monteiro foi responsável pela edição da *Violeta*, pequeno periódico literário e cultural que circulou ao final dos anos setenta, tendo na sua irmã uma de suas principais colaboradoras. Revocata de Melo, por sua vez, dirigiu o *Corimbo*, uma das mais longevas publicações literárias, cuja circulação atravessou décadas, e no qual a sua irmã atuou na redação até a sua morte.

A *Violeta* circulou de março de 1878 a julho de 1879 e se apresentava como “periódico literário, crítico e instrutivo”. Era um semanário impresso em tipografia própria e apresentava uma proposta essencialmente literária. As suas sessões mais recorrentes eram “Rosas literárias”, com textos em prosa; “Íris poético”, trazendo versos; “Miríades”, compreendendo normalmente correspondências das leitoras; e a “Revista dos jornais”, com a apresentação dos jornais intercambiados. O periódico voltava-se rotineiramente a tecer comentários sobre outros jornais e obras bibliográficas. Foi um típico representante da pequena imprensa, enfrentando amplas dificuldades na manutenção de suas edições, o que não o impediu de realizar forte intercâmbio com outras

publicações no âmbito provincial, nacional e até internacional.

Enquanto existiu, a *Violeta* levou em frente suas propostas, abrindo espaço para a publicação de textos redigidos no contexto local e regional, divulgando uma profícua produção, numa atividade acrescida pelo mérito de ser uma das poucas publicações que se destinou a editar escritos de autoria feminina que se espalharam pelo Brasil e pelo mundo, tendo em vista a bem elaborada rede de intercâmbios promovida a partir de suas metas editoriais, de modo que, ao longo do tempo em que circulou, cumpriu à risca a sua missão (ALVES, 2013, p. 139). Para a edição desse periódico, a ação de uma ainda muito jovem Julieta de Melo Monteiro, foi fundamental.

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO



A primeira página de um exemplar do semanário *Violeta*

Outro representante da imprensa literária e feminina sulina foi o *Corimbo*, cujo título significa inflorescência indefinida na qual os pedúnculos são de comprimento desigual, mas todas as flores estão pouco mais ou menos definidas no mesmo plano. O seu período de existência foi longo, tendo circulado entre 1883 e 1944, com algumas interrupções. Sua circulação

foi variável ao longo do tempo, tendo sido semanal e mensal. Era impresso em várias tipografias como na Livraria Americana, e na tipografia do *Diário do Rio Grande* e do *Comercial*, todas na cidade do Rio Grande e do *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre. Foi sempre uma publicação literária, divulgando textos de autores variados. Ainda que pudesse ser lido por ambos os sexos, o público preferencial do *Corimbo* era o feminino. Como representante da pequena imprensa, enfrentou várias dificuldades para sobreviver, mas se manteve por um período extraordinário, tendo em vista a persistência de sua idealizadora, redatora e proprietária, Revocatade Melo.

O *Corimbo* foi um periódico escrito e lido, em sua maioria, por mulheres, numa época em que produtos tendo como público-alvo específico o sexo feminino eram esparsos e pouco valorizados. Dentre as publicações periódicas gaúchas, tal periódico foi um dos que teve maior duração temporal, de modo que, tendo em vista os seus longos sessenta anos de vida, atravessou momentos estéticos diferenciados. Nesse sentido, começou a circular no momento em que o Romantismo dava seus últimos passos em território sulino, ao passo que a prosa assistia ao surgimento do Realismo e à consolidação do Regionalismo, enquanto a poesia era marcada pelo Parnasianismo e, posteriormente, pelo Simbolismo. Já nos anos 1920, se faziam sentir as inovações do Modernismo, mas os trabalhos presentes na revista não chegaram a acusar tal sopro inovador (PÓVOAS, 2007, p. 30).

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

ANNO III AGOSTO E SETEMBRO—1887 NS. 25 E 26

CORYMBO

PROPRIEDADE E REDAÇÃO

DE

REVOCATA HELOISA DE MELLO

REVISTA MENSAL

RIO GRANDE

Typ. do Jornal do Commercio — Porto Alegre

1887

O *Corimbo* no formato revista

Início I Rio Grande do Sul, 21 de Outubro de 1893 N. 149

CORYMBO

PUBLOCAO SEMANAL

Proprietaria e Redactora — REVOCATA H. DE MELLO

O nosso aniversário

Completou hontem este semanário o seu primeiro aniversário.

Permitam-nos que, anteriormente, uma palavra da ordem da direção, em um meio onde as letras não falam numeros e lange estão de servirem de profissão a alguém, e incontesteavelmente nos raios de força de vantade.

Tanto mais, fazendo n'estes últimos tempos, surgiu lutas e graves acontecimentos a afastarem os interesses públicos.

As nossas paixões sempre eram o no futuro, com os olhos no marco imediato que alegriação ainda, de uns dias de lutas é certo, podem trazer, e o perigo acompanhamento da infelicidade pública.

O Corimbo tem indiscutivelmente recebido surtos, em sua passagem, e embora à vezes a rota lhe tenha parecido menos favorável, logo resgatado-lhe os lemes, para apparecer-lhe mais eterno e râsio horizonte. E só polo, sem um certo desencantamento, que vimos aguardar esta data, onde encontrarão o pôr-todo o mais completo atestado de que o nosso "partido intelecto, não tem sido infracções.

Resta-nos assim, sobrejar, uma ampla de nobres idéias, para destar as plantas d'espíritos que nos tem auxiliado em tão empenhado desiderado, curvando-nos agradecidamente ante o público rio-grandense, os nossos prezados colaboradores, estimáveis colegas de imprensa.

REVOCATA H. DE MELLO.

DEZ ANOS DEPOIS

Foi em 1883, por uma formidável maré de morte de Diábolos, em que o céu era tempestoso e terrível nessa ocorrência das crónicas ; e em que a terra sentiu-se de gato, e o mar tinha um aspecto amedrontador e tempestuoso, um dia sei que de helio, de audição, de harmonioso, que nos atraía para si.

Coitadas estas brancas, nôs branca, pristinamente enluminadas, as decíduas sobre das vitórias marinhas, estavam na praia esperada, sofrigamente e almejado momento da partida.

Era um pequeno hotel, situado assim como os estudos das virtudes, tristeza, e linduras como as ondinas marinhosas.

Pela essa viagem cujo termo era ainda ignorado, havia a tripulação sua larga provisão.

O fragil barquinho quasi tocava com a dura borda as frias águas do mar.

Eram muitos, muitos, infinitos moços, os festos de rosas e esparrangosas flores, de sonhos, de crúezas, de gratas ilusões, que esculham graciosamente aquele pequenino e auro níbilo, onde rufava, se azazorava, uma ave parca verba hastante comprehendida e amada, — a melifer !

Quando nascem o momento da partida, elle deslison alegre e esperançoso, fazendo dunciar no topo do mastro a sua escoradilha, bandeira, onde em letitas douradas brilhava a tua nome de baptismo — Corimbo.

E seguia seguidalivo e solanece-

em demanda de futuro.
Pequino, pernas arripado, desprendendo castópolis, viajando tempestades, vague a dez annos/ dez longos annos, gridiado sempre peita metade debêlo malo,
Encontrarás a terra penitentia ?
Chegará a elas, com o seu querido faranguassu, sem acárias ?
O tempo, só o tempo poderá responder-nos.

Am entido, só que tenha qualificado a esta scri-bidé tarefa, disse compõer : Bento, laureado no CORYMBO.

JULIETA DE M. MONTEIRO.

SEM TITULO

Plano de set, meu lindo oratório
E' um vacinário e áfras deserto
Muito bonito os venus do amor,
Do meu amor de lagrimas solenes,

Atingiu-me em um profundo regalo
De novas crónicas, de vidas e mortes,
Mas como a fôr que o ventral notou
Assim nascem-se muiros de crônicas...

E como um lindo peregrino errante
Foge as nuvens crest das ilusiones,
Faz a terra que aterra e não te mata !
Lixa o saco de mi recordações...

Ressalto de Caspos

Forúnculos.

ANNIVERSARIO

Completo hontem mais um anno
de vida e apreciada existencia, a
nossa querida irmã e companheira
de trabalho Julieta de Mello Monteiro.

O Corimbo no formato jornal

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Foram muitos os temas presentes nas páginas da *Violeta* e do *Corimbo* ao longo da época em que circularam. Alguns foram bastante recorrentes e, dentre eles os assuntos educacionais tiveram destaque, com muitos escritores dedicando seus textos a tal temática. Em meio a esses textos, houve uma preocupação especial com a questão da educação da mulher. Na concepção dos mesmos, em linhas gerais, ainda que não houvesse a pregação de que as mulheres deveriam abandonar suas funções ligadas ao âmbito doméstico, tornava-se também necessário que ela se instruísse. Tais ideias não deixavam de ir ao encontro de uma possibilidade de realocação do papel da mulher na sociedade e sua incidência durante o período de existência da *Violeta* (1878-1879) e nos primeiros anos de circulação do *Corimbo*, dentre aqueles que ainda são remanescentes (1886-1887), pode ser verificada a partir dos seguintes breves estudos de caso.

Na edição de número 45, a *Violeta* publicou o “A educação da mulher” (*Violeta*, 20 abr. 1879. p. 2). O artigo era aberto pela frase incisiva de que a educação feminina era “uma das principais, senão a primeira das bases da nossa felicidade”. O texto demarcava que aquele era um debate recorrente, explicando que “inúmeros escritores de ambos os sexos se têm ocupado desse assunto”, colocando claramente a sua posição diante do tema. Nessa linha, afirmava que não se incluía no “número daquelas pessoas que julgam a mulher apenas apta para o serviço doméstico; apesar do que algumas penas assaz abalizadas o tem julgado”.

Mesmo assim, o artigo afirmava que também não havia concordância “com a educação exclusivamente literária, pois a ser assim não sabemos no que se tornará

o lar doméstico”, nos momentos, em que “o homem, o chefe da família tivesse de abandoná-lo para cuidar dos afazeres próprios de seu “sexo”, ou seja, “para procurar os meios de subsistência para sua família”, enquanto que “a esposa, encerrada em seu gabinete, se ocupasse com seus estudos, deixando a casa entregue apenas aos fâmulos”.

Diante das duas perspectivas, o texto optava por uma vertente conciliadora, afirmando que “em nossa fraca opinião existe o meio termo”. Revelando detalhes acerca de sua autoria, a escritora esclarecia não estar “a aconselhar as mães de família, especialmente nesse ponto, visto à nossa pouca idade”, o pouco conhecimento e o fato de não ser mãe. Entretanto, enfatizava que naquele caso, “o meio termo como em todas as coisas, parece-nos o melhor método a seguir”.

Dessa maneira, o artigo sustentava que “a menina deve compreender desde os seus primeiros anos, o que um dia deve vir a ser”, ou seja, “uma boa dona de casa”. Assim recomendava que essa menina deveria “ser arranjada, cuidadosa em seus afazeres – que os deve ter desde que suas forças o permitam – econômica, estudiosa, etc”. Por outro lado, defendia que as meninas não deveriam ser criadas “em completa prisão”, de modo que pudessem ter “horas consagradas ao trabalho físico, ao moral e às distrações próprias de sua idade”.

Ainda a respeito da formação feminina na mais tenra idade, o texto exclamava o quanto seria “triste quem não teve ao menos as felicidades da infância”, as quais deveriam ser aproveitadas. A respeito da evolução etária da mulher, era dito que, “mais tarde, quando se desenvolve o gosto pelo belo, já não necessitamos que nos mandem estudar”, de modo que, “mesmo quando os

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

muitos afazeres roubam todos os instantes”, sobrava para ela “a noite, a hora da tranquilidade, a melhor para essa bela ocupação”.

Com firmeza, era defendido que “o estudo é sempre útil”, parecendo-lhe “incrível até que pessoas haja que digam não saber para o que servem as letras”. Utilizando-se de um adágio popular – “Enfim, „dos pobres de espírito é o reino dos céus” – o artigo demarcava a sua completa discordância daqueles que não reconheciam o valor das letras.

O misto entre ideias mais progressistas e outras mais conservadoras, ficava evidenciado no fato do texto valorizar a formação religiosa. Nesse sentido, concluía que “apesar das novas ideias, dessas que a cada instante ouvimos pregar, aconselhamos à mulher a religião”, pois “aquela que não crê em Deus, jamais pode ser cumpridora de seus deveres”. Considerava também como “abominável a mãe de família sem crenças religiosas” e, mais uma vez apelando para o meio termo, finalizava dizendo: “Sempre a fé em Deus, porém nunca o estúpido fanatismo”.

Mais tarde, a *Violeta* publicou “A mulher e seus direitos”, identificando Revocata de Melo como autora (*Violeta*, 1º jun. 1879. p. 1-2). Ainda que reconhecesse a mulher como “o anjo do lar”, a escritora questionava porque não haveria “a mulher nascer para grandes cometimentos”, uma vez que “o gênio desconhece os sexos”, de modo que, “desde a antiguidade” em tanta “fonte feminil” ele havia “derramado suas brilhantes fagulhas”.

Segundo o texto da lavra de Revocata, “a mulher que, por meio do estudo e das letras, busca a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria”, o qual

aclarava o espírito e desterrava a ignorância, era “mais digna de louvores e de admiração que o homem”, já que ela tinha de associar sua “luta na esfera doméstica”, com o intento de “dar amplo espaço às suas aspirações de glória”. Na concepção da autora, era um erro “pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos”.

A jornalista chegava a citar o exemplo de uma senhora que, sem jamais ter faltado com o cuidado para com a família, “não deixou por isso de estudar, procurar livros científicos, e, no silêncio das noites, ilustrar seu espírito”, vindo, mais tarde, a levar a suas filhas “o amor pela literatura”. A visão de mundo de Revocata de Melo ficava demarcada ao concluir o artigo com a exortação de que a deixassem hastear o seu estandarte e soltar o seu “grito não de rebelião, nem da revolta anarquista, mas sim de apelo ao templo de Minerva” e “à luta em prol de nossos direitos”.

Já o *Corimbo*, na sua edição de outubro de 1886, publicou o texto “A instrução (*Corimbo*, out. 1886. p. 3-4). Segundo o artigo, a instrução representava a possibilidade de ascensão social, pois ela “é a tempestade revolucionária que derroca os privilégios egoísticos e eleva o homem de talento aos mais altos cargos sociais”, bem como “é o relâmpago que ilumina as míseras choupanas dos infelizes e muda-lhes a condição”. O texto traçava um paralelo entre aqueles que “só desejam a instrução para si”, vendo-a “como um facho incendiário, um princípio anarquizador da sociedade, como até aqui era entendida”, enquanto outros “a adoram, como os crentes a Deus, a consideram, e com razão, a lei reguladora dos destinos da humanidade”, ou ainda como aquela lei sob “cuja força

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

se partiram as cadeias que a manietavam ao poste de todas as degradações, deixando-a livre para a consecução de todos os direitos”.

Também sob a perspectiva elogiosa, o artigo dizia que “a instrução multiplica as forças do homem e arrasa as barreiras que se opõem à marcha da civilização”, aparecendo “como o apóstolo que anuncia o engrandecimento futuro de um povo”. Ao descrever o mote em pauta, o artigo afirmava que “as ciências, as letras e as artes ligam-se e desenvolvem-se mútua e reciprocamente”, vindo a ser “os motores da vida das nações”. Diante disso, “os homens erram, param e sucumbem”, enquanto “outros surgem que trabalham e acertam”, levando a “crer que a onda da civilização continuará sempre acumulando materiais para a perfeição indefinida da humanidade”.

O texto revelava certas mudanças ocorridas em termos educacionais e de concepção de mundo, ao explicar que “a filosofia emancipando-se da teologia, fez surgir a escola moderna, que abalou todas as ideias perniciosas do passado”. Ao apresentar detalhes de tal transformação, o artigo mostrava simpatias pela escola positivista, descrevendo que “o solo está juncado de destroços das antigas teorias”, de maneira que “o edifício onde se abrigam os metafísicos estala, fende-se e rui por todos os lados”, porém, “como por encanto, erguem-se junto dele os alicerces do novo templo das ciências positivas cujo progresso no século atual vai exercendo a maior e mais benéfica influência sobre a sociedade”.

Ainda levando em frente alguns tópicos do ideário comtiano, o texto defendia que “propagar a instrução é atender às urgentes necessidades da época”

que se atravessava, a qual era marcada por “transformações e reorganização social”. O artigo destacava também que “a lei das evoluções humanas impõe aos povos o dever de instruírem-se e propagarem os resultados conseguidos pela sua atividade científica”.

Na concepção do texto publicado nas páginas do *Corimbo*, “a instrução deve ser objeto de todos, porque ela tende a ensinar ao cidadão que, para resistir, impavidamente, às várias privações da vida”, só se deveria “contar consigo mesmo, isto é, com os elementos de que possa dispor”. Explicando o sentido pensado em relação à instrução, o artigo dizia que era “fora de dúvida que as lições de mestres, por melhores que sejam, não formam por si só, o que se chama educação”, pois elas serviriam “para esclarecer o espírito, desenvolver a razão, exercer as faculdades da alma e formar o coração”. Além disso, os ensinamentos dos educadores dariam “à criança os primeiros conhecimentos”, entretanto haveria “outro ensino fecundo e profícuo, a leitura dos bons livros, que são, por assim, dizer, os mestres mudos das ciências e das artes”.

O texto sustentava também que “se as disparidades das inteligências e das condições” constituíam “o efialta deste áureo sonho, desta insônia, desta utopia que quer a instrução difundida por todas as classes sociais”. Desse modo, esclarecia que não seria “menos uma lei natural a propagação da instrução primária”, de modo que “essas noções elementares” e “esse suco de vida vazado por todas as inteligências” venceriam distâncias, superando dificuldades, subindo montanhas” e “descendo vales em procura da mais longínqua aldeia, visitando a mais humilde choça”, a qual permitisse “abrigar uma inteligência” que se

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

pudesse fazer com que entrasse “no conhecimento de seus deveres, no exercício de seus mais sacros direitos de cidadão”.

Finalmente, o texto era concluído com a afirmação de que a instrução representava “a fagueira esperança deste século que, altivo e sobranceiro, marcha iluminando as sêmitas escarposas da ignorância”, constituindo-se também na “grande obra do progresso”, mantendo “o seu mais glorioso afã no campo vasto e fecundo das maravilhas científicas”.

Na mesma edição de outubro de 1886 do *Corimbo*, aparecia o artigo “A educação da mulher (*Corimbo*, out. 1886. p. 16-17). O texto buscava demonstrar que o debate em torno do tema indicado no título era recorrente, explicando que aquela era uma “questão que tem ocupado de alguns anos para cá todos os jornalistas, e tem sido assunto de importante discussão”. De saída, o artigo já fazia uma ressalva, propondo que não se confundisse “a instrução com a educação”, as quais deveriam ser “bem discriminadas e consideradas como devem ser”.

O escrito revelava que não acompanhava “o sistema dos livres-pensadores que, fingindo propugnarem pela educação da mulher, só têm em vista a perverterem por meio de uma instrução superficial e toda material”, a qual, “longe de enobrecer a mulher, recomendá-la ao respeito, ao acatamento”, pelo contrário, “a enchem de teorias, de princípios errôneos, de vaidade e a degrada”. Segundo o artigo, o ideal era “a instrução que não olvide a educação, e que a eleve, a exalte, e a faça compreender sua nobre missão na sociedade e na família”.

Na perspectiva do artigo jornalístico, “a verdadeira grandeza da mulher não está nela ter alguns conhecimentos sobre política, literatura e diversas ciências”, devendo também ter “um coração bem formado que lhe sirva de guia nos deveres que lhe impõe a sociedade, e de garantia contra os perigos contínuos que lhe são armados por esses falsos propugnadores da ilustração da mulher”. O texto defendia assim que a mulher não fosse “privada da instrução”, de modo que pudesse “ajuntar à beleza, as graças naturais, o espírito, a erudição, a linguagem limada, o interesse na conversação”.

Apesar de defender a educação feminina como uma alternativa para que a mulher pudesse ter um alcance mais amplo em sua formação pessoal, o artigo não pretendia que, a partir de tal instrução, houvesse uma ruptura com o tradicional papel social atribuído à mulher. Dessa maneira, ficava demarcado o desejo de que a “instrução não faça da mulher um perigo, um motivo de desgraça da família”. Nessa linha, a mulher deveria ter os “sentimentos alevantados e criados pelos ensinamentos de uma educação aperfeiçoada”, desde que mantidos “os princípios da verdadeira moral”.

De acordo com esse pensamento, o texto questionava de que serviria “a mulher conhecer literatura, falar em política, ter lido os romances, se a vida doméstica a enfastia, se os deveres de mãe lhe são incômodos?” Perguntava também, qual seria a serventia daqueles “conhecimentos a uma moça que, devendo ser um anjo da família, as alegrias do pais, as consolações da mãe, o comprazimento de seu irmão”, quisesse “passear, ostentar vaidade em vão, conhecimentos criados com prejuízo da família e da economia?”

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Diante disso, a conclusão do artigo era elaborada a partir de um apelo pela compreensão das “amáveis leitoras” a respeito da “necessidade da instrução”, para que, a partir dela, as mulheres pudessem “cumprir seus deveres na sociedade e na família”, uma vez que, “só pela educação farão a felicidade do lar e merecerão o respeito, a estima e o contentamento de todos”. Já no ano seguinte, na edição de junho e julho de 1887, o *Corimbo* voltaria ao tema, republicando o artigo intitulado “A educação da mulher” (*Corimbo*, jun.-jul. 1887. p. 20-22), com praticamente o mesmo conteúdo do texto publicado pela *Violeta* em abril de 1879, mas, desta vez, indicando por autoria apenas o pseudônimo “Marieta”.

Esta foi apenas uma brevíssima amostragem levando em conta os textos editados nesses dois periódicos voltados à literatura e à escrita feminina. Tais textos defendiam a importância da educação como uma das únicas formas de ascensão social e formação de bons cidadãos. Especificamente no que tange à mulher, prevalecia aquela dicotomia entre progressismo e conservadorismo, de modo que a instrução era vista como algo prioritário, sem que houvesse o abandono dos tradicionais papéis sociais femininos vinculados às questões domésticas. Ainda que tais artigos não revelassem um exaltado feminismo, nem mesmo próximo dos pressupostos que viriam a caracterizar tal movimento mais contemporaneamente, só o fato de proporem uma alternativa às tradicionais formas de inserção da mulher na sociedade, já poderia ser considerado um avanço. Não havia o vislumbre mais radical da libertação feminina das amarras impostas pelas convenções sociais, mas ficava demarcada a possibilidade da assimilação de conhecimento como um

fator diferencial para a formação da mulher, como bem revelam os versos intitulados “O estudo”, publicados na *Violeta* e que servem de epígrafe a este trabalho. E foi também através do conhecimento e do livre pensar que as mulheres viriam a, progressivamente, galgar seus espaços sociais, nas décadas que se seguiram aos escritos aqui abordados.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea, Assis*, v. 14, p. 125-141, jul-dez. 2013.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; SILVEIRA, Carmem Consuelo. O Partenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina. *O Partenon Literário: poesia e prosa – antologia*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Instituto Cultural Português, 1980. p. 12-16.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania

LITERATURA E ESCRITA FEMININA NA CIDADE DO RIO
GRANDE: TRÊS ESTUDOS SOBRE AS IRMÃS MELO

Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.

PÓVOAS, Mauro Nicola. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. P. 29-38.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX – antologia*. 2.ed. Florianópolis: Editora das Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 306-319 e 892-902.

VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação, Instituto Estadual do Livro, 1974.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



9 786553 060401

ISBN: 978-65-5306-040-1